

#COVID-19 Fique em casa! Seja um agente de saúde pública!

.desportivo 



O VÍRUS QUE DEIXOU O FUTEBOL SUSPENSO

*AF Braga vai seguir directrizes da FPF | Formação fechou portas
Clubes dizem que não há condições para recomeçarem os campeonatos*

FC AMARES // P. 2-5

Entrevista a Hugo Ramos

«É com esta ideia de jogo que vou chegar ao topo»

«Se subirem os dois primeiros estão a desvirtuar a prova»

GD PRADO // P. 8-9

Paulo Rafael

«No futebol não basta estalar os dedos»

«Não dar um desfecho ao campeonato seria impensável»

DEPOIS DO ADEUS // P. 11-13

Miguel

«Fui para guarda-redes por causa de uma camisola amarela»

«O Vilaverdense é a minha segunda casa»

COVID-19

Aníbal Capela p. 5
Testemunho de um vilaverdense no epicentro da pandemia

Olivier Silva p14-15
de quarentena em Paris

FC AMARES - HUGO RAMOS

António Valdemar

Em grande entrevista ao Desportivo, o treinador do FC Amares, Hugo Ramos, abordou vários temas do clube e diz que a equipa está preparada para retomar o ciclo vitorioso do início da época. O técnico dos amarenses sublinhou ainda que não «abdica» da sua ideia de jogo e que será com ela que vai triunfar.

Estamos a oito jornadas do fim do campeonato. Esperava estar no 3º lugar?

Claro que não contávamos estar em terceiro lugar, embora tenhamos menos um jogo, que em caso de vitória nos leva novamente ao topo da classificação com os mesmos pontos do que o Pousa.

Fizemos um percurso no campeonato quase sempre em primeiro. A fase onde caímos coincidiu com uma fase boa dos nossos adversários, que aproveitaram o momento menos positivo da nossa equipa para se aproximarem, isso também é mérito deles. Mas penso que vamos estar bem preparados para fazer uma parte final do campeonato igual à primeira fase, onde os resultados demonstraram a superioridade do FC Amares em relação aos adversários.

«Dá-me prazer ver as minhas equipas jogar bem e sentir que os adeptos têm esse mesmo prazer»

A que se deveu esta quebra da equipa?

Preparámos bem este campeonato, com uma boa pré-época, a treinar e jogar na relva, isso levou-nos a ter um pico de forma muito bom no arranque do campeonato, o que as outras equipas não conseguiram acompanhar devido aos atrasos que tiveram na preparação.

Depois, com o decorrer da época, as equipas foram crescendo fisicamente e chegaram ao nosso nível, mas mesmo assim conseguimos manter uma distância confortável. Depois caímos num momento em que os adversários estavam numa fase de afirmação. No entanto, nos últimos jogos já demos sinal de retoma. Fizemos bons jogos em Roriz e com o Ponte. Em Martim perdemos mas fizemos uma grande exibição.

Isso também se deve à alteração interna que fizemos. Contratámos o Ricardo Araújo, um profissional para a prevenção e recuperação dos atletas. Mas também disse sempre que apesar de termos tido uma primeira fase com sete vitórias consecutivas que o campeonato ia ser extremamente competitivo.

Mas não esperava perder tantos pontos para a concorrência?

Há situações que não consigo controlar e foi o que passou, principalmente em três jogos: Alvelos, Este FC e com o Ribeira do Neiva. Se repararem foi nestes três jogos que perdemos a percentagem que tínhamos. Existiram decisões de arbitragem que não foram as melhores. Penso que não isso não foi propositado, mas a verdade é que ainda podíamos ter uma margem de quatro ou cinco pontos, se não fossem essas coisas

incomuns que se passaram nesses três jogos e que não consigo controlar. Com isto não quero dizer que nós não erramos. Não estou aqui a dizer que foi apenas por isso.

«Temos um plano alternativo»

Muitas vezes é acusado de não ter um plano B e da sua ideia de futebol não ser compatível com o futebol regional. Como reage a estas acusações?

Em relação à primeira nós temos um plano alternativo dentro da nossa ideia e sistema de jogo e já desbloqueamos alguns jogos dessa forma. Agora não a trabalhamos tão intensamente por falta de tempo. Os jogadores sabem disso e tentamos corrigi-los ao nível do vídeo, mas não é a mesma coisa do que no treino.

Tive de formar uma nova equipa e um novo modelos de jogo que demorou tempo. Agora que o processo e a ideia de jogo está consolidados, vamos intensificar o plano B, mas sempre dentro da mesma ideia de jogo.

Sobre a segunda questão tenho uma ideia bem definida e não vou mudar, porque acredito muito nesta forma de jogar e nesta ideia de jogo.

A minha preocupação é ganhar e é desta forma que quero ganhar. Acredito que é com esta ideia de jogo que vou conseguir atingir o topo. Estou a preparar-me para isso.

É verdade que muitas pessoas dizem que com esta forma de jogar não se ganha na regional, mas não abduco da minha ideia. Se ganhei até agora, vou continuar a ganhar no futuro. Dá-me prazer ver as minhas equipas jogar bem e sentir que os adeptos têm esse mesmo prazer. A minha preocupação é que as pessoas vejam um futebol atractivo e com muitos golos.

Esta ideia que estou a implementar no Amares já vinha do Celeirós não com o objectivo de subir no primeiro ano, mas as pessoas não estavam preparadas para isso. No FC Amares as pessoas estão preparadas e deixam as pessoas que estão formadas para tal desenvolver o seu trabalho. Sei que é com esta ideia de jogo que vou chegar a outros patamares.



«O Presidente disse que íamos juntos até ao fim»

Alguma vez sentiu o seu lugar em risco? Num clube que quer subir, é evidente que ao perder todos estes pontos e a liderança, o treinador pode estar em causa. Houve um colega da I Liga que disse que os treinadores têm a mala sempre feita. Repare, o João Fernando, com quem espero ter boa relação, tal como com os outros que tenham respeito para com o jogo (os outros não me interessam pois não me vão trazer mais-valias), saiu do Ponte em primeiro lugar. Estando em primeiro ou nou-

«É COM ESTA IDEIA DE JOGO QUE VOU CHEGAR A OUTROS PATAMARES»

Hugo Ramos, treinador do FC Amares

tra situação corremos sempre o risco. Isto é simples: Ou as pessoas que estão à frente dos clubes têm confiança no treinador para mantê-lo no cargo, se não mandam-no embora ou somos próprios a fazer uma auto-avaliação para saber se temos capacidade para atingir esses objectivos.

Por exemplo, no Celeirós entendi que não tinha e demiti-me. Em Amares aconteceu o contrário, não me demiti, porque sinto competência para tal.

E também sente o apoio da Direcção do clube?

No final do jogo com o Alvelos reunimos e disse-lhes que se tivessem outro plano e outra equipa técnica para estarem à vontade. O Presidente disse que não. Depois tivemos mais um empate e uma derrota. Voltamos a reunir. O Presidente disse que se ganhássemos, ganhávamos todos e se perdemos, perdemos os dois. Era para ir até ao fim. Sinto que tanto o Presidente Olivier e o Hélder Faria, que são as duas pessoas que trabalham mais de perto connosco têm confiança no nosso trabalho.

A chegada dos reforços coincidiu com perda de pontos. Foi mera coincidência?

Também já estava à espera que esta pergunta fosse colocada e vou explicar para que todos os adeptos do clube e amarenses fiquem a conhecer um pouco o projecto do FC Amares.

Em Junho apresentei um plano desportivo de dois anos para a formação e futebol sé-

nior, que passava por ter uma estrutura com 22 jogadores em que os atletas da equipa de sub-19 iriam treinar connosco para fortalecerem a sua intensidade e adaptarem-se à nossa ideia de jogo.

Tivemos alguns juniores, pelo menos quatro, que vieram treinar, foram muitas vezes convocados e até entraram em alguns jogos. Isso é importante porque nós temos como objectivo subir os seniores à Pró-Nacional e os juniores à Honra para não criar um fosso muito grande entre as duas equipas. Neste momento as duas equipas têm esse objectivo intacto.

Até Novembro, as coisas não estavam a ser feitas da melhor forma, a estrutura sabe, pois sempre identifiquei isso. Estávamos a treinar com 26/27 jogadores o que me prejudicava o trabalho ao nível do treino e não estávamos a fazer essa interacção com os sub-19.

Então tivemos de fazer uma reestruturação. Os jogadores que não estavam a ter minutos foram emprestados, como é o caso do Edu, Alexandre e Mica, que foram para o Rendufe e o João para o Palmeiras. Os juniores continuaram a treinar connosco mas a competir apenas nos sub-19. Depois, tivemos a lesão do Esteves, que não joga mais esta época, e do André, que provavelmente também não deve jogar mais esta temporada. Isso deu-nos a oportunidade de contratar mais jogadores para aumentar o leque de opções. Fomos buscar o Sousa, o Telmo e o Joshua, o que nos levou a ter mais competitividade interna. Foi esta a reestruturação que fizemos.



«A parte desportiva não deixa de ser minha»

Feedback tem sido «muito positivo»

Hugo Ramos diz que tanto o Presidente do FC Amares, Olivier, como a restante Direcção estão a fazer um «grande trabalho» e estão preparados para estruturar o clube. No entanto, diz que eles precisam de ter confiança na equipa técnica.

O clube é comandado pelo Presidente e pelos Directores que estão a fazer um grande trabalho, mas a parte desportiva não deixa de ser minha. Eles estão formados para preparar a estrutura mas têm de estar preparados para ouvir a equipa técnica que está preparada para implementar as ideias no futebol. Têm de nos ouvir mais e perceber que estamos capacitados e para preparar o Amares para um futuro melhor. Estou aqui para subir o Amares», atirou.



«Nunca concordei que treinassem a formação»

Os casos de Pinto e Tiago Alves

Hugo Ramos revelou ainda que era contra o facto de Pinto e Tiago Alves acumularem as funções de jogadores e treinadores das equipas de juvenis e juniores, respectivamente. O treinador diz que não está em causa a competência, mas sim a exigência que impõe nos seus planos de treino para que a equipa consiga atingir o sucesso. «Sou da opinião que nenhum jogador da equipa sénior deveria ser treinador da formação. Disse isso ao Pinto e ao Alves porque a minha exigência ao nível do treino é grande e seria difícil eles conciliarem as duas situações. Mas deixei andar porque as coisas estavam a correr bem, mas tinha a perfeita noção que as coisas iam chocar mais cedo ou mais tarde. Felizmente isso aconteceu por iniciativa deles e foi importante para os dois. Com isto não quero dizer que eles não tinham competência para desenvolver aquelas funções, mas não sim por não ser essa a estrutura que pretendo para o clube», disse o treinador.



Treinador falou dos «casos» dos jogadores que treinavam equipas na formação do clube

FC AMARES - HUGO RAMOS

«Não devia haver subidas nem descidas»

Hugo Ramos diz que se subissem os dois primeiros estariam a «desvirtuar os campeonatos»

António Valdemar

Com a súbita paragem dos campeonatos da AF Braga, devido à Pandemia Covid-19, os clubes ainda não sabem qual o cenário que os espera no futuro. Os responsáveis da associação bracarense suspenderam todas as provas mas as dúvidas que continuam a pairar sobre o tempo que pode durar esta crise podem colocar em causa o término de todos os campeonatos a nível nacional e também regional.

Hugo Ramos diz que esta é uma situação «muito complicada» e sublinha que ninguém estava preparado para ela. «Nem as equipas da I Liga se conseguem preparar, o que fará nós. Isto surgiu de forma rápida e apanhou todos de surpresa. Desde já dou os parabéns à AF Braga pelo facto de terem suspenso os campeonatos. O futebol é apenas uma área dentro da sociedade e neste momento o mais importante é a saúde de todos os portugueses», frisou o treinador do FC Amares, que está em permanente contacto com os jogadores.

«Temos um plano de treino semanal para eles executarem para que quando regressarmos à competição estejam preparados para fazer três jogos por semana, pois, se o futebol regressar, vai ser isso que vai acontecer. No entanto, também compreendemos que

muitos deles não possam completar esses planos de treino devido à quarentena a que estão sujeitos e muitos também ainda estão a trabalhar», disse.

Hugo Ramos mostrou-se preocupado com o futuro, mas diz que todas as equipas estão na mesma situação. «Sabemos que dificilmente vamos atingir esse pico de forma que estava em retoma nos últimos jogos. Mas todos os clubes estão na mesma situação. Temos de estar preparados e a minha equipa técnica está a tentar preparar os jogadores», frisou.

Hugo Ramos expressou ainda a sua opinião quanto à hipótese de o futebol não regressar mais esta temporada. O treinador dos amarenses diz devia ficar tudo como está, ou seja, não havia subidas nem descidas.

«Na minha opinião devia ficar tudo como está, sem subidas, nem descidas. Porém, a Federação Portuguesa de Futebol teria de beneficiar os clubes financeiramente porque muito deles, como é o caso do FC Amares, investiram muito para atingir os seus objetivos. Se não for assim as provas ficam desvirtuadas», afirmou, acrescentando. «Nós estamos em terceiro, porque o Pousa antecipou um jogo, pois não estava a competir na Taça. Isso é injusto. Se vencermos esse jogo passamos para a frente com os mesmos pontos do que eles. Como é que eles vão resolver isto?

Por outro lado, a época é feita por fases e planeei-a para estar no pico de forma no último terço do campeonato. A minha equipa técnica abdicou de algum dinheiro para contratar um recuperador físico para que a equipa estivesse na melhor forma nesta fase do campeonato. Não podemos desvirtuar a competição», atira.



«Os treinadores são o elo mais fraco da regional»

Hugo Ramos pede a quem manda que tome medidas

Hugo Ramos abordou ainda alguns assuntos referentes ao futebol distrital e pediu aos responsáveis associativos que tomem medidas quanto aos treinadores que na sua opinião são o elo mais fraco do futebol regional, pois não assinam qualquer vínculo com os clubes e quando são despedidos acabam por não ser ressarcidos.

«Os jogadores assinam um contrato com os clubes e se forem despedidos podem ser ressarcidos monetariamente. Ora

com os treinadores do futebol distrital isso não se passa. Nós não assinamos qualquer vínculo e os dirigentes podem despedir-nos quando assim o entenderem e nós saímos de mãos a abanar. Não temos contrapartidas. Somos o elo mais fraco do futebol regional», lamenta.

O treinador do FC Amares deixou ainda mais um pedido a quem gere o futebol. «Os treinadores têm de estar preparados para exercer as suas funções e são obrigados a tirar cursos. No FC Amares esta-

mos todos preparados, quer os treinadores, quer os directores, pois tem duas pessoas à frente que são do futebol. Mas as pessoas que lideram os clubes e as próprias associações também deviam estar preparadas, principalmente os que estão no topo da pirâmide para tomarem as melhores decisões. O que na minha opinião não acontece», finalizou.



Hugo Ramos com o treinador João Fernando

FC AMARES

«JUSTO SERIA SUBIR O FC AMARES E O VILA CHÃ»



Presidente do FC Amares não acredita na retoma dos campeonatos

António Valdemar

O Presidente do FC Amares, Olivier Silva, passa o ano em constantes viagens entre Amares e Paris, cidade onde estão sediados os seus negócios. Na última que realizou à “cidade luz” acabou por ficar de quarentena que foi decretada pelo governo francês. Con-

tactado pelo Desportivo, Olivier Silva diz que o mundo está a viver uma «situação complicada», que não tem fim previsto e que por isso não acredita muito que «os campeonatos irão retomar o seu percurso normal».

«Estamos todos aos papéis. Estou aqui “preso” em Paris e isto está um caos. Tenho acompanhado a situação em Portugal pela

internet e as coisas também estão feias. Por isso, não acredito que os campeonatos vão recomeçar», disse o líder dos amarenses, sublinhando que a AF Braga tem um «caso bicudo» para resolver na série A da Divisão de Honra, onde compete o FC Amares. «Na minha opinião não se devia atribuir o título de campeão e subiam os dois primeiros, que neste caso tinha de ser o Vila

Olivier diz que «Paris está um caos»
França vive momentos difíceis



Olivier está fechado em casa, em Paris, e contou ao Desportivo que a situação em França é «muito grave». «Quero ir para Portugal e não posso e quando chegar aí tenho de fazer nova quarentena. Não sei ainda quando volto porque isto está muito mau. Num País que se diz civilizado como a França continuamos a ver pessoas sem protecção nenhuma e um caos nos hospitais com pessoas a morrer todos os dias. Enquanto não fizeram como na China isto não vai melhorar», disse o líder do FC Amares.

Chã e o FC Amares, porque o Pousa tem um jogo a mais, que lhe deve ser retirado. Depois, também não era justo para uma equipa que andou praticamente todo o campeonato na frente, e que se vencer o jogo em atraso passa para o primeiro lugar, não subir de divisão. Por isso, deviam subir o Amares e o Vila Chã, acho que era a solução mais correta e justa», atirou.

TERRAS DE BOURO

«Em oito jornadas muita coisa pode acontecer»

Presidente do T. Bouro diz que campeonatos «deviam ser anulados»



O Presidente do Terras de Bouro diz que caso os campeonatos não sejam retomados a Associação de Futebol de Braga deve anulá-los. Miguel Rodrigues sublinha que nas oito jornadas que faltam muitas coisas ainda podem acontecer e

que seria injusto estar a atribuir títulos, descidas e subidas. No entanto, adianta que o Terras de Bouro não será «um entrave» seja qual for a «decisão tomada pelos órgãos associativos».

«Pelas notícias que vamos ouvindo vai ser muito difícil retomar os campeonatos. Se a pandemia se estender até Junho não sei como a Associação vai agendar os jogos do campeonato e da Taça. Mas acho que o mais importante nesta altura é a saúde pública», frisou, acrescentado que seria injusto para muitos clubes que se atribuísem títulos, subidas e descidas, à 22.ª jornada.

«Até sou suspeito porque, embora matematicamente ainda seja possível manter-nos na Divisão de Honra, não acredito que isso vá acontecer. Mas na minha opinião, a AF Braga devia anular os campeonatos. Era a solução mais justa, porque nestas oito jornadas ainda muita coisa pode acontecer, quer na luta pelos primeiros lugares, quer na luta pela manutenção. Seria injusto para

os clubes estar a determinar campeões à 22.ª jornada. No entanto, quero dizer que o Terras de Bouro não será nenhum entrave à decisão que a AF Braga tomar», afirmou.

O presidente do Terras de Bouro disse ainda que esta paragem está a causar constrangimentos financeiros a todos os clubes, porque sem futebol não há receitas, nem patrocínios. Por isso, a sua Direcção tomou a decisão de pagar aos jogadores apenas até ao dia que estiveram em actividade.

Eleições adiadas

Estavam marcadas para Abril

O Terras de Bouro tinha agendado eleições para o final do mês de Abril. No entanto, com a actual conjuntura o mais certo é que sejam adiadas. «Queria realizá-las, mas vai ser quase impossível. O mais certo é serem adiadas, mas vai depender de quanto tempo demorar

«Isto vai trazer prejuízo para toda a gente e o futebol também não vai escapar a esta crise. Sem jogos não há receitas, nem conseguimos angariar patrocínios. Vamos ter de ouvir o departamento jurídico de AF Braga. No entanto, apenas vamos pagar até ao dia em que o clube e os jogadores estiveram em actividade. Não sei o que se passa nos outros clubes, mas nós vamos tomar esta posição, porque não temos receitas. Temos de estar todos juntos nisto», disse.

a passar a pandemia», explicou Miguel Rodrigues, que não coloca de parte uma recandidatura. «Não coloco essa hipótese de parte, mas tenho de ter mais apoios da pessoas de Terras de Bouro. No entanto, se surgir alguém para tomar conta do clube saio de cena», disse.

VILAVERDENSE FC

«Este adversário é letal, poderoso e silencioso»

Hugo Santos diz que era importante retomar os campeonatos



Plantel do Vilaverdense prepara regresso do campeonato em casa

António Valdemar

O vírus Covid-19 obrigou a uma paragem por tempo indeterminado de todos os campeonatos a nível nacional. Todas as equipas entraram no período de quarentena, mas não podem descuidar o aspecto físico, pois, embora ainda não exista nenhuma certeza, os campeonatos ainda podem regressar na presente temporada. Por isso a equipa técnica do Vilaverdense FC, liderada por Hugo Santos, tem em marcha um plano de treino para os jogadores continuarem a sua actividade física. «Temos recorrido às redes sociais, mais concretamente ao Whatsapp, para comunicar de forma constante com os jogadores. Além do plano de treinos semanal que lhes enviamos sugerimos também a instalação de aplicações que lhes permitam continuar a sua actividade física. Contudo, sabemos que nesta fase isso não é o mais importante.

Temos que nos ir adaptando semana a semana aguardando instruções relativamente ao calendário para podermos planear de forma específica o nosso trabalho», explicou Hugo Santos.

«É uma situação nova e atípica. Os clubes na sua totalidade estão com as actividades encerradas e nós como é lógico seguimos essas indicações. Vivemos o dia-a-dia sempre com a esperança que tudo melhore», juntou o técnico, que ainda tem esperança na retoma dos campeonatos.

«Temos esperança que a situação melhore e que permita, com os respectivos ajustes, que os campeonatos todos desde os profissionais aos amadores recomecem. Todos os agentes desportivos gostam do jogo, do treino da competição e iríamos entrar na fase decisiva das competições», lembra, acrescentando que seria importante que os campeonatos terminassem.

«Importante que todos cumpram as regras»

«Acredito que independente do modelo competitivo, pode ser fundamental para a sobrevivência económica dos clubes que se recomece com as decisões (subidas, descidas, taças) de modo a atrair novamente o público, patrocinadores e assim tentar retomar a normalidade», disse. Hugo Santos diz que neste momento o mais importante é passar uma mensagem positiva e que todas as pessoas cumpram as regras impostas pelas entidades nacionais.

«Agora é importante passar uma mensagem de esperança e que as pessoas respeitem as normas da Direcção Geral de Saúde e da Organização Mundial de Saúde para que possamos ganhar este jogo contra um adversário letal, poderoso e silencioso», concluiu.



OPINIÃO

Cortar a pandemia para canto



José Ilídio Torres

Director da Entidade Formativa Vilaverdense FC



Estávamos todos muito tranquilos na nossa "vidinha" e o inimigo não era já o árbitro, nem o adversário, nem o rival do lado. Era algo que não se via e por isso não se lhe podia dirigir uns bons palavrões...

De repente, não havia futebol para assistir ou praticar e todos percebemos que a vida era bem mais importante do que isso.

A pandemia que atravessamos, gravíssima, com consequências devastadoras no emprego, na economia, nas nossas vidas, não tem só aspectos negativos. As pessoas revelaram um lado solidário e cívico, apesar de algumas inconscientes excepções.

O mundo do futebol demorou ainda algum tempo a perceber as implicações sérias do ví-

rus, movido que é por enormes interesses económicos, mas cerrou portas definitivamente, quando começaram a aparecer os primeiros infectados entre jogadores, corpos técnicos e directivos.

O futebol de formação no distrito teve, na generalidade, uma reacção imediata. Suspendeu treinos, acatando recomendações do órgão que gere o futebol, e isso deve ser assinalado. Era impensável colocar em risco os jovens, expondo-os a eles e às suas famílias a um vírus poderoso e com elevado potencial de transmissão. Por isso, fecharam-se portas, desinfetaram-se balneários e instalações.

No final da última semana, a Federação Portuguesa de Futebol tomou a decisão de terminar os campeonatos da formação não atribuindo títulos, nem havendo lugar a subidas e descidas.

A decisão afigurava-se previsível, mas manteve alguma esperança de que os campeonatos de iniciados, juvenis e juniores pudessem chegar ao fim, fosse para isso necessário um modelo diferente, de jornadas duplas, ou qualquer outro tido como pertinente.

Assim não vai acontecer, para enorme tristeza de atletas, treinadores, pais e directores.

Os atletas, confinados ao espaço das suas resi-

dências, situação já por si complexa, vêem cair por terra anseios, sonhos e classificações.

Os clubes vão certamente passar dificuldades, fruto dos compromissos que têm que assumir, mas que consigam ver também aqui a oportunidade de se reinventarem e com tempo programarem a época seguinte.

As linhas de crédito abertas pela FPF são uma medida positiva, mas não serão certamente solução para os clubes mais modestos incapazes de cumprir obrigações no futuro.

Percebemos hoje todos um pouco melhor, na forma mais dura, o quanto pequeno podemos ser. O quanto frágil é a nossa existência.

O futebol move paixões, arrasta multidões, mas há um campo bem maior onde se joga a vida, onde os valores da solidariedade, da amizade, do fair-play se efectivam e consubstanciam.

Aprendamos, pois, todos a lição que nos foi dada por algo tão infinitamente minúsculo como um vírus, encontrando nesta provação porque passamos as razões para sermos maiores, mais educados e, porque não dizê-lo, mais felizes.

Que os nossos filhos e atletas possam voltar a brilhar nos relvados – todos sem excepção – porque todos são estrelas, porque todos merecem respeito, e devemos-lhes isso.

VILAVERDENSE FC

«Nunca ninguém nos pediu a subida de divisão»

Maia tem sido uma das peças importantes no xadrez do Vilaverdense FC

António Valdemar

João Maia, 26 anos, não é um corpo estranho ao Vilaverdense FC. Esta é a terceira passagem pelo clube e que está a ser marcada pelo sucesso desportivo quer a nível individual, quer colectivo. Depois de um período inicial em que passou por algumas dificuldades, o jogador conquistou a confiança do treinador Hugo Santos e até marcou alguns golos decisivos.

«Muitas vezes as pessoas falam do meu regresso ao clube como se esta fosse a segunda vez, mas a verdade é que já é a terceira. A primeira vez que já cá estive foi no meu primeiro ano de sénior. Foi um ano de integração no futebol sénior onde nunca é fácil para um miúdo que vem de uma realidade completamente diferente. Apesar de não ter tido uma época fácil, conseguimos o objectivo de não descer, mas com três treinadores. Mas claramente que esta época está a ser de todas a mais positiva», revelou Maia, acrescentando que o no início passou por uma fase complicada. «Agora está a correr bem, mas lembro que no início estive muito tempo sem jogar. No entanto, com trabalho e a confiança de todos, que nunca senti que faltou, consegui dar a volta por cima. Por isso, posso dizer que até ao momento que está a ser uma época positiva», disse.

16 jogos sem perder

O Brito SC colocou um ponto final numa longa série de jogos sem perder da equipa do Vilaverdense no campeonato da Pró-Nacional. A turma verde e branca esteve sem perder durante 16 jogos, uma volta completa.

«Neste campeonato não é nada fácil es-

tar 4/5 jogos sem perder quanto mais 16. Porém, é bom salientar que em momento algum nesta casa nos foi pedido que subíssemos de divisão, sempre fomos encarando os jogos um a um e no fim faziam-se as contas. Se o campeonato recomeçar a filosofia vai ser a mesma e no fim logo se verá no que vai dar», frisou.

Recorde-se que o Vilaverdense está na 3.ª posição com 51 pontos conquistados nas 26 jornadas disputadas até ao momento, a três pontos do Brito, segundo classificado, e a sete do líder Pevidém.

«Nivelado por baixo»

João Maia sublinhou ainda que o campeonato da Pró-Nacional é «muito competitivo» mas «nivelado por baixo». «É um campeonato muito competitivo e exigente, mas claramente equilibrado por baixo. Na minha opinião. Essa é a realidade».

O Pevidém é a equipa mais forte?

«Penso que sim, pois desde cedo mostraram ambições em subir aos nacionais. A verdade é que estão a mostrar isso em campo», apontou o médio, acrescentando que a diferença da equipa vimaranense para as restantes equipas é o facto de ainda não terem perdido no seu terreno.



«O que eu quero é que a bola volte a rolar»

Jogadores com plano de treino individual



João Maia deseja que a bola comece a rolar rapidamente

A Pandemia Covid-19 virou a vida das pessoas de pernas para o ar. O futebol distrital não foi excepção. Os campeonatos estão parados e os jogadores foram obrigados a deixarem de fazer aquilo que mais gostam que é treinar durante a semana e jogar ao fim-de-semana.

Maia diz que o plantel está a encarar esta situação com serenidade e a tentar cumprir o plano de treino semanal imposto para equipa técnica. «Estamos a encarar esta paragem devido ao Covid-19 com a serenidade possível. Claro que com o que se tem passado só quem não for minimamente inteligente não fica apreensivo em relação ao futuro. Vamos esperar que tudo corra pelo melhor, o que irá certamente acontecer. Todos os jogadores têm um plano individual de treino dado pela equipa técnica», revelou o médio, que espera que a bola volte a rolar o mais rápido possível.

«Sinceramente ainda não pensei muito se o campeonato vai regressar ou não. Nesta altura o que quero é que tudo corra pelo melhor e que a bola volte a rolar, pois é o que nos dá prazer», disse.

Formado no FC Porto e SC Braga

João António Alves Maia, 26 anos, natural de Merelim S. Paio, Braga, fez a formação no FC Porto e Sporting de Braga. No primeiro ano de sénior jogou no Vilaverdense, tendo na época seguinte saído para o Tirsense. Regressou novamente ao "Vila" no ano seguinte, mas acabou por ser emprestado ao GD Prado a meio da época. Terras de Bouro e FC Amares foram as paragens seguintes do médio, antes de regressar na presente temporada ao Vilaverdense FC.

GD PRADO - PAULO RAFAEL

«No futebol não basta estalar os dedos para que as coisas aconteçam»

Paulo Rafael, treinador do GD Prado, em entrevista

António Valdemar

Paulo Rafael chegou ao GD Prado de uma forma inesperada devido à saída de Zé Nuno Azevedo para a AD Oliveirense. A estreia do técnico com as cores dos alvinegros aconteceu no dia 11 de Janeiro com um empate (1-1) caseiro frente ao Torcatense. Depois disso realizou mais sete partidas para o campeonato registando duas vitórias, dois empates e três derrotas. Na Taça venceu o Regadas, mas tomou na eliminatória seguinte na deslocação ao terreno do Duminense.

A equipa pradense ocupa nesta altura o 10.º lugar com 35 pontos, a oito pontos da linha de água. Números que deixem o técnico insatisfeito

Como está a correr a experiência no GD Prado?

O GD Prado é neste momento um clube desejável para qualquer treinador, pois quem cá chega encontra gente que conhece o futebol, com ambição e também com grande sentido de responsabilidade. As pessoas que me convidaram transmitem confiança e crença no seu projecto e têm demonstrado muito equilíbrio na gestão do processo. Por tudo isto só posso dizer que me sinto muito bem aqui.

Esperava ter conquistado mais pontos nesta altura? Ou está dentro do expectável?

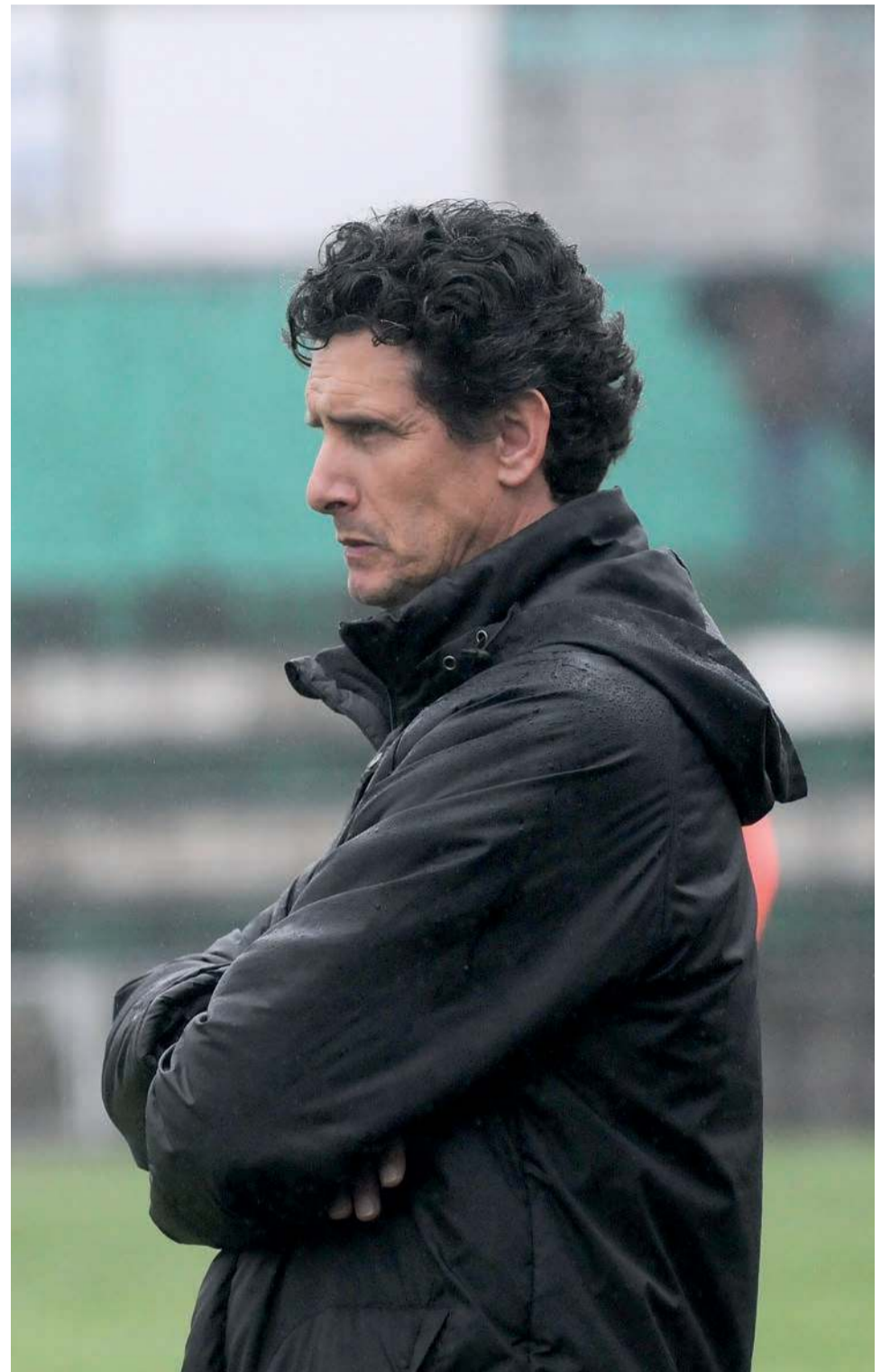
Sim, esperava. Até porque não senti a necessidade de fazer grandes alterações. Quem construiu este plantel conseguiu

um equilíbrio interessante, capaz de proporcionar soluções para os vários problemas que uma competição longa tem, como é o caso deste campeonato. Como tal, estando o plantel apetrechado e mesmo não tendo a obrigação de ganhar os jogos todos, a equipa já deveria ter conquistado mais pontos. Contudo, assim que cheguei ao clube, com apenas uma semana de treinos tivemos que realizar três jogos. Houve pouco tempo para, nestas circunstâncias, gerir planos de treinos e de jogo, de maneira a potenciar a equipa. Nesses três jogos só conseguimos dois pontos e não era de todo o resultado que pretendíamos, principalmente do ponto de vista motivacional. De todas as formas, penso que já ultrapassámos essa fase de adaptação e foram evidentes melhorias na equipa, concretamente no seu rendimento coletivo.

Foi fácil a adaptação ao clube e à própria equipa, já que não foi você que a construiu?

Ao clube e à equipa sim. O clube está muito bem organizado e tem todas as secções (desde a formação, técnicos de equipamentos, até ao departamento médico) a funcionar de forma bastante profissional.

Tenho ainda um grupo de atletas com muita qualidade e que têm procurado concretizar o que lhes é pedido. Só que no futebol não basta estalar os dedos para que as coisas aconteçam. Nesse sentido, todos temos trabalhado muito para dar mais estabilidade nos resultados e isso tem sido notório.



«Investimento dos clubes vai diminuir»

É um campeonato competitivo e exigente, mas a capacidade de investimento que os clubes vinham a demonstrar vai sofrer novo revés, atendendo a toda a situação económica que estamos a viver e que decerto irá deixar marcas negativas para os próximos tempos.

Gostava de dar continuidade a este projeto na próxima época?

Os clubes e os projectos são elaborados por pessoas e por momentos. No presente posso dizer que gosto muito de cá estar. O futuro será avaliado quando chegar a altura certa.

«O recomeço vai custar a todos»

Técnico diz que é importante não descurar a parte física

Como está a ser vivido este momento de Pandemia?

Esta interrupção foi abrupta e não permitiu um planeamento prévio. Atendendo ao tempo de paragem que já se verifica temos de compreender que grande parte dos princípios que fundamentam o entrosamento de uma equipa já estão comprometidos. Vai ser necessário um pequeno período preparatório para que as equipas voltem a apresentar um nível competitivo

interessante. Neste momento restamos esperar para perceber o que vai acontecer a este campeonato e a partir daqui elaborar um plano que vá ao encontro dos objectivos que permitam pôr a equipa novamente pronta para competir.

Os jogadores estão a cumprir um plano de treino em casa?

O conceito de preparação de uma "equipa", no futebol e noutros des-

portos colectivos, não contempla este distanciamento entre os atletas. Como tal, temos tentado consciencializar os atletas da necessidade de não descurarem as suas capacidades físicas e vamos partilhando alguma informação e ideias para manterem uma actividade física diária e manterem uma alimentação e sono regulados.

O recomeço vai custar a todos mas custará menos a quem tiver tido este tipo de cuidados.

Tem mantido em contacto com o plantel?

Estes primeiros dias serviram essencialmente para as pessoas olharem para as suas famílias e para toda a informação que nos chega e que tem sido, no mínimo, avassaladora. Temos mantido algum contacto e com certeza haverá tempo nas próximas semanas para retomar o espírito certo, pois as saudades começaram a fazer-se sentir.

GD PRADO - PAULO RAFAEL

«Manter o campeonato sem lhe dar um desfecho seria impensável»

Técnico diz que os jogadores vão ser expostos a uma «grande sobrecarga»

Paulo Rafael ainda acredita que os campeonatos vão recomeçar e vai ser possível realizar as oito jornadas que faltam para terminar o campeonato da Pró-Nacional. No entanto, se isso não for possível o técnico é a favor de que se «valide a classificação que se verifica aquando da paragem». Admite, no entanto, que seja qual for a decisão que os órgãos competentes tomarem «haverá sempre contestação».

Acredita que os campeonatos vão recomeçar?

Acredito, mas à medida que o tempo passa, sem que se controle esta situação, a probabilidade de isso acontecer diminui. Se houver luz verde para as equipas começarem a treinar no início de Maio, é possível até final de Junho realizar os 8 jogos em falta. Mas só os dirigentes da AF de Braga é que podem dizer se há condições logísticas, equipas de arbitragem, condições para realizar jogos à noite, entre outras coisas, para isso acontecer.

As equipas vão estar preparadas para realizar três jogos por semana?

Seria uma sobrecarga muito grande para atletas amadores fazerem 8 jogos num mês. Na teoria funciona, mas na prática muitos jogadores ficariam expostos a lesões de esforço por não recuperarem devidamente, pelo que esta opção não me parece muito válida.

Se não recomeçarem, que medidas acha que deviam ser tomadas pela AF Braga?

Vai ser difícil para a AF Braga organizar o retorno de tantos campeonatos e jogos num

curto espaço de tempo. No caso dos campeonatos não arrancarem, só restam duas opções: homologar ou não as classificações. Aqui haverá sempre uns mais contentes do que os outros.

É da opinião que não deve haver campeão, subidas e descidas?

Qualquer que seja a solução encontrada, que não passe pela conclusão dos jogos que faltam, não agradará a todos. Estamos, neste momento, com 26 jogos disputados, faltando 8 jogos para a conclusão do campeonato. Admito que ainda são muitos pontos (24) e ninguém pode dar nada por garantido. No entanto, se não houver mais campeonato, sou a favor de que se valide a classificação que se verifica aquando da paragem, pois parou para todos na mesma altura e nas mesmas circunstâncias. Manter o campeonato sem lhe dar um desfecho é que seria impensável. Mas claro, assim como nós na AF Braga atravessamos esta situação de momento, também outras competições (com maior visibilidade) e outros desportos de outros países têm esta incerteza quanto ao futuro próximo das suas competições, apenas nos resta esperar pelo melhor desfecho possível.

«Sou a favor que se valide a classificação que se verifica aquando da paragem»



Paulo Rafael substituiu Zé Nuno Azevedo no comando técnico do GD Prado

RIBEIRA DO NEIVA

«Não podem crucificar os clubes»

Presidente do Ribeira do Neiva diz que ainda estão muitos pontos em disputa



Hélder Oliveira mostrou-se preocupado com toda esta situação

Ribeira do Neiva disponibiliza carrinha

Solidariedade

A Direcção do Ribeira do Neiva colocou à disposição uma carrinha e uma equipa de pessoas para ir às compras e farmácias para os mais idosos ou pessoas que

não se possam deslocar. Se souberem de algum caso destes podem ligar para o número 937 999 990.

António Valdemar

O presidente do Ribeira do Neiva, Hélder Oliveira diz que caso o campeonato não retomem a sua normalidade a Associação de Futebol de Braga tem um dos casos difíceis para resolver. O líder dos ribeirenses sublinha que não seria justo estar a atribuir um título quando ainda faltam oito jornadas para terminar o campeonato.

«Muito honestamente campeões a faltar disputar 8 jogos nunca será um campeão com mérito. Subidas e descidas com tantos pontos em disputa? Não podem crucificar os clubes que tem hipóteses de subir e de não descer», disse Hélder Oliveira, acrescentando. «Acho que, nem mesmo a Associação sabe qual a melhor solução, pois estamos todos limitados com a duração deste vírus. Mas sou um optimista por natureza e todos juntos iremos vencer esta batalha o mais rápido

possível».

O líder dos ribeirenses mostrou-se ainda preocupado com os prejuízos financeiros que esta crise vai trazer aos cofres dos clubes mais pequenos.

«Logicamente que traz alguns prejuízos financeiros, pois temos alguns custos mensais mínimos a suportar e não temos de momento qualquer receita, porque não há jogos. Neste momento a AF Braga pouco pode fazer. Poderá sim apoiar os clubes depois da tempestade, pois todos nós vamos precisar», frisou. Hélder Oliveira sublinhou ainda que tem mantido contacto telefónico com grupo de trabalho para os alertar para as «providências que devem tomar».

«Os melhores conselhos neste momento são para eles tomarem todos os cuidados e manterem-se em casa o máximo possível. Para o bem deles e dos seus familiares», rematou.

GD CALDELAS

«Esta é a melhor época do Caldelas na Honra»

Simão diz que a equipa está muito próxima da manutenção



António Valdemar

Simão teve um papel preponderante na subida do GD Caldelas à Divisão de Honra da AF Braga. O avançado terminou a última época com 14 golos, sendo mesmo o melhor marcador da equipa. «O primeiro ano foi maravilhoso, talvez a minha melhor época. Nos seniores foi de certeza», confidenciou o avançado, que esta época não tem sido tantas titular.

«Comecei bem a época e até marquei alguns golos. Ultimamente não tenho sido opção, são decisões do treinador. É sinal que quem joga está a corresponder. Resta-me trabalhar ainda mais e esperar uma oportunidade. Ela vai surgir e ainda vou contribuir com muitos golos para a equipa», garantiu o jogador.

Simão avaliou ainda a prestação da equipa nas 23 jornadas disputadas na série A do campeonato da Divisão de Honra da AF Braga. «Temos passado fases boas, outras menos boas, mas penso que estamos a aguentar-nos bem nesta divisão, até porque está a ser a melhor época do Caldelas na Honra. Somos um grupo unido, mas na minha opinião ainda podíamos ser mais. Se assim fosse podíamos estar melhor classi-

ficados e dou como exemplo o Pousa. Eles não têm melhor equipa do que nós, mas são mais unidos e isso tem sido a grande arma deles», apontou o avançado, acrescentando que «com mais duas ou três vitórias» a manutenção está garantida. Aliás, o atacante dos caldelenses diz que nesta fase já está a pensar noutros lugares. «Pessoalmente já não estou a pensar na manutenção, mas sim em subir mais uns lugares na tabela classificativa. Temos equipa para andar mais lá em cima», garante.

«O grande obreiro é o mister»

Simão deixou ainda elogios ao Presidente e Directores que costumam acompanhar a equipa ao longo da temporada, mas a maior exaltação vai para o treinador Vítor Magalhães. «O Caldelas é um clube humilde, que tem apenas duas ou três pessoas a trabalhar, mas são de muito valor. Fazem tudo pelo clube. Mas o êxito desta campanha do Caldelas na Honra deve-se ao mister. Para além de treinar faz outras coisas muito importantes. Neste clube faz um pouco de tudo. É o verdadeiro capitão do barco, o grande obreiro destes resultados. E digo isto sem ser titular, não é puxar saco, como diz o brasileiro (risos)», atirou.

«Última vitória deu-nos mais tranquilidade»

Antes da paragem inesperada do campeonato

Simão diz que a AF Braga agiu de forma correcta ao ser uma das primeiras associações do país a mandar cancelar os campeonatos. O avançado sublinhou ainda que a última vitória sobre o Roriz foi muito importante para a equipa ficar mais tranquila. «Ainda bem que ganhamos o último jogo para ir-

mos descansados para esta paragem. Não temos treinado, temos de cumprir as regras. Estamos a trabalhar individualmente, mas nunca é a mesma coisa. Isto tudo é uma incógnita, mas primeiro a saúde pública. Vamos ver no que vai dar», finalizou.

Segundo ano em Caldelas

Simão iniciou a carreira de futebolista no CD Lago, onde jogou durante cinco anos. As boas exibições do jogador despertaram o interesse do SC Braga, que o chamou para jogar nos iniciados. Mas a permanência nos guerreiros do Minho foi curta e na época seguinte rumou aos juvenis do Marinhães. «Nessa altura jogavam nos nacionais. Foi um risco que corri e valeu a pena, porque até ao momento foi o melhor campeonato em que joguei», contou Simão, que festejou a dobradinha com a camisola do Merelinense e acabou a formação nos juniores do Vilaverdense e GD Prado. Nos seniores, jogou três anos no Adaúfe e um no Este FC, antes de ingressar no GD Caldelas, há duas temporadas.

«Quem passa pela formação do SC Braga e vai fazer testes ao FC Porto é legítimo que sonhe como todos os jovens daquela idade. Mas isso já passou. Estou no futebol por paixão. Muitas pessoas, até as namoradas, perguntam porque gostamos tanto de futebol. Isso não explica, sente-se. Muitas vezes dizemos que estamos cheios, mas mal o campeonato acaba, passado um mês, o “bichinho” já está a mexer novamente. Como está a acontecer neste momento», explicou o jogador de 25 anos.



PASSOU PELA
FORMAÇÃO
DO SC BRAGA
E MERELINENSE

Simão está a cumprir a segunda época no GD Caldelas

DEPOIS DO ADEUS - MIGUEL RODRIGUES

«Costumo dizer que só não participei na mudança do Bom Retiro para a Cruz do Reguengo»

Miguel defendeu a baliza do Vilaverdense durante 11 anos

António Valdemar

João Miguel Vieira Rodrigues viveu o futebol de uma forma intensa. Miguel, como todos o conheciam, pendurou as luvas no final da época de 2014/15. Tinha então 36 anos e os tendões já começavam a ceder, principalmente no inverno. «Sabia que não ia jogar até aos 40 anos e quando a Direcção do Vilaverdense FC me convidou para ser adjunto do Nelito decidi colocar um ponto final na minha carreira», contou o guarda-redes, que começou a jogar aos sete anos nas escolinhas do SC Braga. «Respeito muito o Maximinense, Vianense e Maria da Fonte, mas o SC Braga e o Vilaverdense foram os clubes que mais me marcaram», confidenciou o guardião, na entrevista ao Desportivo, onde desfiou o novelo da sua longa carreira.

«Costumo dizer aos meus amigos de Vila Verde que só não participei na mudança do Bom Retiro para a Cruz do Reguengo. De resto, joguei no pelado, com o Presidente Gaspar Gonçalves e o mister Dinis Rodrigues, assisti à cobertura da bancada e lembro-me bem dos balneários terem um sofá ao meio, de uma Toyota Hiace. Isto era muito pequeno. O clube cresceu muito e orgulho-me muito de fazer parte desse crescimento», frisou, acrescentando. «Tive sonhos, mas com os pés bem assentes na terra, porque sabia que não iria jogar no Barcelona ou Real Madrid. Por isso é que durante muitos anos dei prioridade ao Vilaverdense, apesar de ter muitas propostas de outros clubes. Esta foi a minha segunda casa. Admito que com mais uns centímetros podia chegar mais além. Mas estou satisfeito com a minha carreira, joguei quase sempre e tinha alguma qualidade para o nível que estamos a falar».



Miguel deixou os relvados no final da época de 2014/15

«Quando comecei ganhava 10 contos»
«No Maximinense ganhava 10 contos e fui ganhar 50 para o Vilaverdense. Mas nos anos seguintes já se ganhava 750 euros a 1.000 euros. Ainda aparei alguns anos onde se ganhava

bem no futebol. Deu para juntar algum dinheiro».

«Foi protelando sempre os estudos»
«Andei no Instituto de Estudos Superiores de Fafe (IESF) e depois vim para

a Universidade do Minho para o Curso de Educação. Mas isso coincidiu com um período em que me estava a dedicar mais ao futebol e foi protelando sempre os estudos».

«Alguém ficou sem dinheiro» Viagem a França



«Uma vez fomos uma semana a França e nessa viagem em elemento da comitiva chegou a Chaves e ficou sem dinheiro, a jogar às cartas. Tivemos de fazer uma vaquinha para o manter. Há muitas histórias e joguei com alguns dos mais malucos da zona. A única coisa que não gostava que brincassem nos balneários era esconder as carteiras e com a água quente, porque um dia queimaram um colega, que era careca».

«Gosto dos guarda-redes sóbrios»

Buffon no topo das preferências



«A arte de treinar guarda-redes é a locomoção. Precisamos de ter boas mãos, altura e elasticidade. Saber jogar com os pés é importante tanto na primeira fase de construção, como na construção em profundidade, mas agora exigem que os guarda-redes joguem com os pés como o Messi. Gosto dos guarda-redes mais sóbrios. Na escola italiana a minha referência é o Buffon».

DEPOIS DO ADEUS - MIGUEL RODRIGUES



«FUI PARA GU
POR CAUSA DE UMA
DAQUELAS ALMOFA

António Valdemar

Miguel representou poucos clubes na carreira mas naqueles em que jogou fê-lo com uma paixão exacerbada. Na conversa com o Desportivo, o guarda-redes recuou à infância e a partir daí desfiou o novelo da sua carreira até ao ano de 2015, quando, aos 36 anos, decidiu pendurar as luvas.

Ainda se lembra de quem o levou pela primeira vez a um treino de futebol?

Perfeitamente. Fui com o meu falecido pai a um treino nas escolinhas do SC Braga, que na altura apenas se realizavam aos sábados. Há uma história engraçada ligada a esse momento. Em casa ninguém sabia em que posição é que eu iria jogar e como tinha uma camisola amarela, daquelas almofadadas para proteger o peito, acabei por ir para guarda-redes.

Mas essa camisola era especial ou escolheu a baliza porque não tinha jeito para jogar à frente?

Não era especial. Tinha-a em casa e nem sei bem quem ma ofereceu. Com 8 e 9 anos na escola nem havia guarda-redes, jogávamos todos à frente e ia um de cada vez à baliza. Por acaso até jogava bem na frente. Foi mesmo por ter a camisola de guarda-redes. Claro que com o decorrer dos anos essa posição foi-me fascinando. Sabia na ponta da língua os nomes dos guarda-redes do Mundial do México em 86 e de Itália em 90.

E recorda-se de quem foi o seu primeiro treinador?

Nas escolinhas foi o saudoso Palmeira. Mas o meu primeiro treinador numa equipa de competição foi o professor Carlos Mangas, nos infantis, penso que também foi a primeira vez que ele treinou uma equipa.

Depois fez toda a caminhada até aos juniores no SC Braga?

No último ano de juniores o senhor Domingos insistiu muito comigo para jogar no Maximinense, que na altura estava na III Divisão Nacional. Estava um pouco relutante porque nunca gostei de muitas mudanças na minha vida. Mas como tinha tido uma lesão e não estava a jogar com regularidade disse-lhe que sim, mas com a condição de treinar pelo menos duas vezes com os seniores. Assim foi. Fiz alguns jogos pelos juniores, mas acabei a época a titular na equipa sénior. Infelizmente, nesse ano, descemos de divisão no último jogo em Macedo de Cavaleiros.

No ano seguinte veio para o Vilaverdense.

Sim, mas não foi logo no início da época. Tinha realizado uma boa temporada e recebi muitas propostas que acabaram por não se concretizar. Em Outubro ou Novembro o mister Dinis Rodrigues mandou o Presidente Gaspar Gonçalves falar comigo. Ainda me lembro que conversamos junto às instalações da AF Braga.

O Vilaverdense já era um clube com pergaminhos, mas que ainda estava um pouco estagnado. Aceitei pelo facto de estar na III Divisão

Nacional e porque conhecia o mister Dinis.

Lembro-me que os meus colegas de baliza eram o Guerra e o Antunes. Não entrei logo para a equipa, mas depois acabei por ser o titular.

Curioso é que nessa época safámo-nos da descida no último jogo e também em Macedo de Cavaleiros.

Mas esse jogo tem outra história curiosa. Durante a viagem um pneu da "laiquinha" rebentou e fomos de táxi até Mirandela, onde almoçamos. Depois já não me lembro se fizemos o resto da viagem de táxi ou de autocarro. Foi uma viagem atribulada mas que terminou bem.

Se calhar foi um dos anos chave para o crescimento do Vilaverdense. A partir daí o clube cresceu muito e orgulho-me de também ter contribuído para esse crescimento.

Primeira subida à II Divisão

Mas esta foi apenas a sua primeira passagem pelo Vilaverdense.

No ano seguinte fui para o Braga B, mas o Rui Rêgo (actual guarda-redes do Merelinense) jogou mais vezes. Também era melhor (risos) e então na outra época regressei ao Vilaverdense, com o Fernando Louro no comando da equipa.

Foram seis anos com grandes equipas, sempre a lutar pelos primeiros lugares, até que à quarta época, 2003/04, subimos à II Divisão Nacional, em segundo lugar, atrás do Valenciano. Ganhámos 1-0 em Ronfe, com um golo do meu amigo Afonso. Ainda era no campo pequeno deles junto à igreja. Lembro-me que



JARDA-REDES CAMISOLA AMARELA, ADADAS NO PEITO»

estavam muitos adeptos do Vilaverdense e regressamos todos em caravana até à Vila. Foi uma grande festa.

Foi também a sua primeira subida.

Sim e foi provavelmente um dos momentos mais marcantes da minha carreira, porque foi o meu primeiro título. Não fomos campeões mas foi quase igual. Acho que também foi um dos pontos altos do clube.

Houve algum prémio especial pela subida?

Não me recordo, mas penso que não. Nesse ano o clube já passava por momentos difíceis. Lembro-me que estivemos para fazer greve e até marcamos um jantar no restaurante Costa para decidir. Eu e mais dois ou três jogadores fizemos ver ao restante plantel que não valia a pena não jogar e não receber na mesma. Era melhor fazer um esforço e tentar a subida.

Salários em atraso e ameaça de greve

Mas as coisas pioraram nos anos seguintes?
No primeiro ano na II Divisão B, com o Nelito ao comando, fizemos um grande campeonato e terminámos no 5.º lugar, contra clubes com orçamentos brutais. No segundo ano as coisas não correram bem. Lembro-me que terminámos a época com meio ano de ordenados em atraso.

Foi um dos seus momentos mais tristes no clube?

É verdade. Terminámos a época e ninguém sabia o futuro do clube. Ninguém nos dizia nada. Então fui falar com o Daniel Costa,

uma pessoa que estimo muito, e disse-lhe que se recebesse uma carta do tribunal minha era apenas uma precaução caso o clube fechasse as portas. Também lhe disse que no primeiro dia em que alguém do clube viesse falar comigo as coisas ficariam logo resolvidas. E assim foi. Quando o Presidente António Mota entrou para o clube ligou-me e resolvemos a situação. Penso que ainda tenho lá uma cópia do cheque. Tinha de receber mais de 5.000 euros, mais os custos do advogado, e acabei por receber 2.900 ou 3.100. Mas se não recebesse nenhum também não ia atrás de ninguém.

Depois foi para o Vianense.

Um grande clube, na altura treinado por outro grande treinador, o Berto Silva. Está um pouco estagnado ao nível das infra-estruturas mas espero que regresse rápido aos nacionais, porque está situado em Viana do Castelo, capital do Distrito.

Seguiram-se três anos no Maria Fonte antes de regressar de novo ao “Vila”.

E foi o primeiro ano que joguei nos distritais. Também só no Vilaverdense é que o faria. Voltaram a ser anos maravilhosos. No primeiro ano do Nelito (2010/11) fomos campeões na Divisão de Honra, mas ficou aquele amargo de boca por não termos feito a dobradinha. Perdemos no 1.º de Maio frente ao Santa Eulália, comandado no relvado pelo “mago” Nelson. Mas pela época que fizemos merecíamos ter ganho também a Taça. No ano seguinte nova subida de divisão, agora à II Divisão B.

Luvas penduradas aos 36 anos



Deixou de jogar no final da época de 2014/15 com 36 anos. Para um guarda-redes até nem era uma idade muito avançada. Nos últimos anos sabia que a despedida estava próxima, pois os tendões já sofriam muito e no Inverno já custava muito a aquecer. No final dessa época, a Direcção do Vilaverdense convidou-me para ser adjunto do Nelito, um homem que respeito e admiro muito, não demorei muito a pensar e coloquei um ponto final na minha carreira.

Custou a desligar a ficha?

Para ser sincero não estava à espera do convite, mas assim até foi melhor pois ajudou a minimizar as coisas, já que continuei ligado ao futebol, só que noutras funções. O choque não foi tão grande.

Acabou por sair quando o Nelito foi despedido. O que tem feito até agora?

Ao nível do futebol ainda cheguei a treinar os juvenis do Vilaverdense e também nas camadas jovens do Maximinense e ainda este ano recebi o convite de uma equipa para treinar na formação.

Não é um posto que o seduza?

Não tenho como projecto de vida ser treinador de futebol por várias razões, mas se existir uma proposta interessante não digo que não regresso. Neste momento vivo tranquilo, até porque o meu organismo já precisava de descansar um pouco e a minha família também precisava da minha companhia.

«Sofri um golo de baliza a baliza»



Consegue eleger a sua melhor defesa?

Miguel fez grandes defesas ao longo da carreira. No entanto, diz que a que mais o marcou foi num jogo contra o Santa Maria no final da época de 2011/12. «Era o último jogo e precisávamos de pelo menos empatar para ficar em segundo. O jogo estava complicado e consegui parar um cabeceamento picado do central Tiago Costa. Foi uma grande defesa e que evitou a derrota e nos deu a subida

de Divisão.

Quanto aos golos sofridos o guardião destaca um: «Quando me fazem essa pergunta respondo sempre que sofri um golo de baliza a baliza. Foi num jogo contra o Fão num dia de tempestade. O guarda-redes chamado Muchacho chutou a bola, que bateu fora da área e entrou. Decerto sofri frangos bem piores, mas esse fica na memória, porque foi de baliza a baliza.

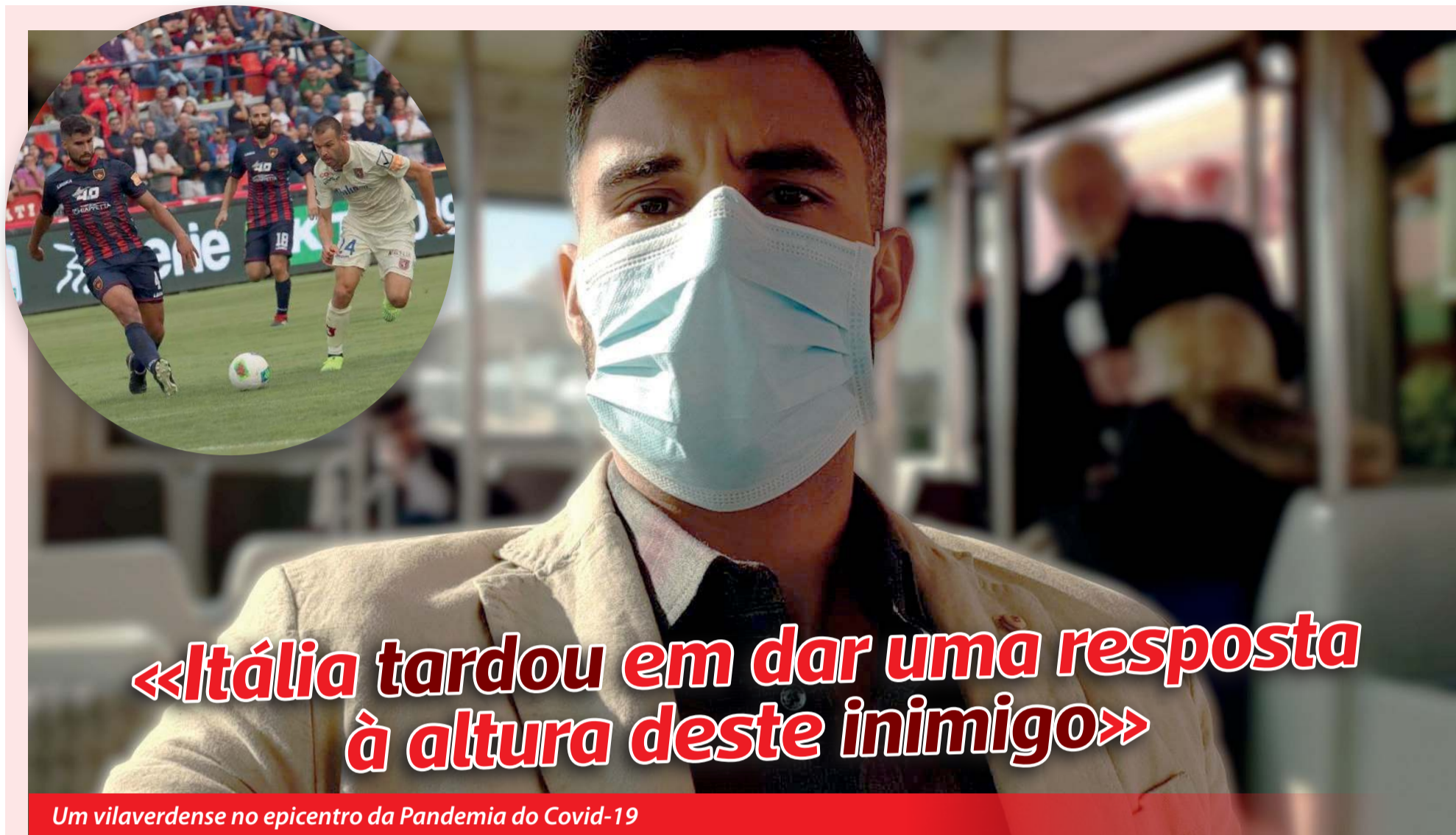
«Não posso deixar de falar do Armando»

Qual o avançado que mais temia?

Joguei contra muitos bons avançados na minha carreira, mas o mais temível jogou comigo alguns anos. Era o Armando. Não posso deixar de falar dessa figura. Quem treinava com ele sabia que a bola era batida para ser colocada junto ao poste. Depois ele estudava ao por-

menor os adversários. Sabia qual era o defesa que tinha de pressionar e aquele que tinha de dar mais distância. Mesmo na fase final da carreira chegou a entrar muitas vezes para resolver jogos. Não é por acaso que tem um ou dois títulos de melhor marcador da II Liga. Era um golear nato.

ANÍBAL CAPELA - COVID-19 EM ITÁLIA



«Itália tardou em dar uma resposta à altura deste inimigo»

Um vilaverdense no epicentro da Pandemia do Covid-19

António Valdemar

Aníbal Capela, natural de Aboim da Nóbrega, Freguesia do Concelho de Vila Verde, está a jogar futebol no campeonato italiano há três anos. O jogador foi apanhado no meio do epicentro europeu da Pandemia Covid-19. Em entrevista ao Desportivo, o defesa, de 28 anos, mostra a sua preocupação, conta como os italianos estão a enfrentar a pandemia e deixa alguns conselhos para que Portugal possa estar prevenido. «Aguentem firmes, sejam responsáveis e pacientes», diz.

Em Portugal há uma ideia generalizada de que Itália está numa situação caótica. É mesmo assim?

É verdade. O coronavírus levou os hospitais ao colapso já há muito tempo. E já há muito tempo que os hospitais em Itália têm de escolher entre quem devem deixar morrer e quem devem tentar salvar. É muito triste.

Acha que Itália tomou as devidas precauções?

Na minha opinião, Itália tardou em dar uma resposta à altura deste inimigo, por dois motivos. O primeiro por falta de informações/conhecimento, o que é normal, sobre o vírus. O segundo pelo facto do Governo não querer criar pânico aos italianos. Os dois motivos são fáceis de entender agora que olhamos para trás, mas a verdade é que qualquer outro país da Europa tivesse sido apanhado de surpresa, como foi a Itália, teria cometido os mesmos erros.

Houve negligência das entidades?

Não digo que houve negligência, digo que houve demasiada expectativa por parte de quem toma decisões, ou seja, estivemos sempre um ou dois passos atrás do Covid-19. Mas muito preocupante é ver Espanha, França, Alemanha, Reino Unido e Portugal fazer o mesmo, tendo todos eles um vizinho, a Itália, como exemplo.

«O coronavírus levou os hospitais ao colapso há muito tempo»

«É natural que haja medo»

Sente que os italianos estão assustados?

Obviamente que sim. Quando vês “à porta de casa” já quase 30 mil infectados e quase 400 pessoas a morrer por dia e sabes que ainda não chegaste ao pico da pandemia, é natural que haja medo.

Há gente na rua e nos respectivos trabalhos ou as cidades parecem desertas?
As ruas estão desertas, desde a declaração de quarentena nacional. E isso ótimo, é sinal que todos os italianos finalmente entenderam como lutar contra este coronavírus.

Já há falta de produtos nos supermercados?

Nunca houve falta e temos a garantia do Governo que não irá faltar nada nos supermercados.

O que é que as pessoas mais procuram nos supermercados?

É difícil para mim dizer o que as outras pessoas mais compram, porque desde que entrei em quarentena nunca mais fui às compras, ainda não precisei. No entanto, posso dizer qual foi a minha lista essencial nas vezes em que fui às compras: água, massa, arroz, atum, pão de forma, biscoitos, frutos secos e algumas carnes. Tentei comprar o suficiente para um mês. O facto de comprar para cerca de um mês não é por ter medo que fechem os supermercados, é para evitar ao máximo sair de casa, porque sempre que saímos de casa estamos a colocar-nos em perigo de contágio.

«Acho pouco provável que terminem os campeonatos»

Como estão os clubes de futebol a reagir a tudo isto?

Estão a respeitar as decisões/ordens da Liga, que em termos oficiais são: campeonato suspenso e treinos parados.

Acredita que a época pode não terminar? Já se fala nisso?

Sim. Acredito que a Liga Italiana queira que o campeonato continue. Fala-se que um dos argumentos utilizado seja o facto de os jogadores terem os contratos até dia 30 de Junho. Faltam ainda jogar os últimos 10 jogos do campeonato. Esta

quarentena nacional obrigatória poderá durar até meados de Maio. Apoiado nesses factos, pessoalmente acho muito pouco provável que se consiga acabar o campeonato 2019/2020.

«Acho pouco provável que terminem os campeonatos»

O Aníbal está a cumprir algum plano? O que faz no seu dia-a-dia?

Temos um programa que foi dado pelo clube e estou, como os meus colegas, a tentar cumpri-lo da melhor forma. Mas não posso mentir. A verdade é que, fechado num apartamento, por mais que te esforces, é irreal acreditar que se consegue manter 50% da condição física ideal de um jogador de futebol profissional.

Conhece alguém próximo que tenha contraído o Covid-19?

Próximo, felizmente, não.

«Aguentem firmes, sejam responsáveis e pacientes»

«Procurem saber mais e mais sobre como se podem proteger»

Conselhos de quem vive no epicentro da Pandemia

Depois do que tem assistido em Itália, que conselhos pode dar?

Quando saírem de casa usem máscaras obrigatoriamente, usem luvas, usem óculos, nunca metam as mãos nos olhos, nariz e boca.

Em Itália aconselham a usar só um par de sapatos para sair de casa e quando regressam deixam os sapatos fora da porta, isto deve-se ao facto de o Covid-19 poder ficar na estrada/passeios cerca de nove dias. Por esse motivo é que se desinfectam as estradas aqui em Itália. Em quarentena só uma pessoa da família deve ir às compras e quando voltar deve lavar toda a sua roupa com desinfecan-

te e tomar imediatamente banho para evitar contactos com outras pessoas.

Além destes pequenos conselhos (extremamente importantes), todos em Portugal e na Europa devem entender que se avizinham tempos muito difíceis para a nossa sociedade e que todos os Governos estão a atrasar-se nas medidas de contenção do vírus. Estão sempre um ou dois passos atrás do Covid-19. Procurem sempre saber mais e mais sobre como se podem proteger melhor, informem-se constantemente. Só a informação/conhecimento irá salvar vida. Aguentem firmes, sejam responsáveis e pacientes.



«Na final da Liga Europa chorei como um bebé»

Aníbal Capela não esquece os momentos que viveu no SC Braga

Aníbal Capela fez toda a sua formação no SC Braga, onde chegou a integrar, por algumas vezes, a equipa principal dos arsenalistas, tendo mesmo actuado em algumas partidas na época em que a formação bracarense chegou à final da Liga Europa.

Depois foi emprestado ao Moreirense e Académica, antes de se desvincular do Braga e assinar pelo Rio Ave. No clube vila-condense cum-

priu duas épocas e depois rumou ao futebol transalpino para representar Carpi, clube da Série B italiana, onde jogou apenas uma época. Agora, jogando no Cosenza há duas épocas.

Como surgiu o convite para jogar no futebol italiano?

Chegaram ao meu empresário, Miguel Pinho, um convite da parte de dois clubes italianos, um deles agradeceu-me que foi o Carpi F.C.

É difícil a vida de emigrante?

Sim, nunca é fácil viver longe das pessoas que mais gostamos.

Já é a terceira época, mas é a sua primeira experiência no estrangeiro. Quais as maiores dificuldades que encontrou.

Enquanto não me consegui adaptar à língua, aos costumes e mentalidades italianas tive um pouco de dificuldade, foram cerca de cinco meses de adaptação. Depois tudo melhorou muito.

Foi fácil a adaptação ao futebol e ao modo de viver ou não difere muito do padrão português?

Difere sim, o futebol aqui é mais físico e mais tático.

É competitivo o campeonato?

Sim é competitivo, a grande maioria dos jogos são bastante equilibrados.

Fez toda a formação no SC Braga onde chegou a jogar na equipa B e ser convocado para alguns jogos da formação principal. Esperava ter “vingado” no clube que o formou para o futebol?

O Sporting de Braga foi onde eu nasci desportivamente. É sempre com grande orgulho que, na Itália, me apresento como sendo da formação do SC Braga. Guardo sempre comigo tudo o que vivi em Braga tanto na formação como depois como profissional, no qual há momentos que jamais esquecerei tal como os 90 minutos que fiz em Donetsk, contra o Shakhtar.

Eu tinha 19 anos, foi fantástico. E nesse ano fomos à final da Liga Europa (2010/2011). Perdemos a final e chorei como um bebé... Claro que gostaria de poder ter dado continuidade ao meu crescimento no SC Braga, mas não aconteceu, tive pena mas a vida continua.

Tem acompanhado a carreira do Braga? Que opinião tem do campeonato que estão a realizar?

Com Sá Pinto a equipa não expressava todo o seu potencial, mas com a chegada do Rúben Amorim a equipa começou a voar, tive muita pena que ele não continuasse. No entanto, o treinador adjunto Micael Sequeira, a mim, parece-me ser um excelente apoio para qualquer treinador. E quem sabe um dia não venha a assumir-se como um principal.

Espera regressar ao futebol português?

Regressarei certamente, mas ainda não será nos próximos dois anos.



Aníbal Capela joga no Cosenza da série B italiana

RENDUFE

António Valdemar

Aparagem do campeonato devido ao Covid-19 chegou numa altura em que a equipa do Rendufe estava a recuperar na tabela classificativa do campeonato da I Divisão, série B. «Não é benéfica, pois estávamos numa fase ascendente. Mas o que interessa, em primeiro lugar, é a saúde, pois sem ela não podemos jogar à bola. Vamos obedecer e cumprir o que nos mandam fazer que é ficar em casa, sair apenas para o indispensável e esperar que isto termine o mais rápido possível, porque não está fácil para ninguém», disse André Macedo.

«Não é fácil para quem estava habituado a vir aqui todos os dias, já que também sou o coordenador da formação. É um quebrar de rotinas que não estávamos preparados. Passar tanto tempo sem futebol é muito complicado, mas a saúde das pessoas tem de estar sempre em primeiro lugar», juntou o capitão dos rendufenses, também conhecido no futebol por Juca.

Subida ainda é possível

André diz que se a competição regressar a equipa que se apresentar em melhor forma vai superiorizar-se aos adversários. Por isso, não descarta uma possível subida até porque os rendufenses estão a apenas a seis pontos do segundo lugar.

«Ainda não sabemos qual o tempo que vai demorar esta pausa. Se for muito longa vai trazer consequências físicas e não vai ser fácil. Quem se preparar melhor neste tempo de paragem vai estar melhor do que os outros. Isso pode alterar muitas coisas no campeonato», diz o médio, acrescentando que «a maior parte dos jogadores tem consciência e não vão descuidar a parte física». André sublinha ainda que a juventude do plantel do Rendufe pode ser uma vantagem em relação aos adversários.

No entanto, se a subida não acontecer esta época, o jogador acredita que se a Direcção



Capitão do Rendufe diz que o mais importante é saúde de todos

«Agora não fazemos “exercício do pescoço”»

André identifica-se com a ideia de jogo do treinador

André Macedo sublinha que se identifica com as ideias de Renato Silva e a sua entrada no Rendufe «mudou muita coisa». «Com o mister Renato ganhamos mais alegria. Ele gosta que as equipas joguem à bola, não quer “chutão” para a frente. É um treinador que gosta de privilegiar a posse de bola e não andamos a correr sem bola ou

como costume dizer a fazer “exercício do pescoço”. Para mim é muito bom, gosto deste estilo de jogo. Coloca a equipa a jogar, com um futebol atractivo, que os adeptos também gostam. Mas a entrada de novos jogadores também ajudou a equipa a crescer, acrescentaram mais qualidade», admite o jogador.

«Ainda me sinto bem»

André agora só pensa «ano após ano»



André completou 39 anos no passado mês de Fevereiro e sabe que o fim a carreira está mais perto. Aliás, o jogador já era para não regressar aos relvados esta época. «Era para não jogar mas devido a diversas circunstâncias, mas acabei continuar mais um ano. Fisicamente ainda me sinto bem, mas não posso ler o futuro. Só o tempo me dirá. Uma coisa é certa: quando não m sentir bem sou o primeiro a deixar o futebol», atirou.

«O Amares não se pode esquecer dos jovens»

Jogou vários anos no clube amarense

André fez grande parte do percurso futebolístico no FC Amares. O jogador concorda com a política dos dirigentes que colocaram alguns jogadores jovens a rodar no Rendufe, mas alerta que é preciso não se esquecerem deles. «Não tenho acompanhado muito a equipa do Amares, não conheço bem o plantel, mas estes miúdos são interessantes. No entanto, se não têm espaço na equipa é melhor estarem a jogar do que parados. Penso que o FC Amares fez bem em colocar jogadores rolar noutros clubes. No entanto, também temo que sejam esquecidos, isso acontece muitas vezes. Espero que não façam isso. É preciso valorizar os miúdos da terra», atirou.

«É preciso valorizar os miúdos da terra»



André Macedo está a jogar pela primeira vez no Rendufe FC

«Não seria justo anular a época»

Luís Vieira, Presidente do Gerês

«Na minha opinião, será impossível retomar os campeonatos normalmente. No nosso caso, ainda faltam 13 jornadas. Não temos condições para ter jogos à noite e, mesmo assim, a época iria prolongar-se muito. A única solução que encontro é fazer uma liguilha para determinar quem sobe e, nos campeonatos superiores,



quem desce. Anular a época não seria justo para as equipas que investiram e que estão na luta pelos objectivos.»

«A maioria dos clubes não tem condições»

Nuno Esteves, Presidente do Lanhas

«Se os campeonatos não recomeçarem no mês de Abril temos condições para realizar dois jogos por semana. Mas se a quarentena se prolongar vai ser mais difícil porque a maioria dos clubes não tem condições para fazer dois ou três jogos por semana. Na nossa série o campeão já está encontrado há muito tempo.



A posição do Lanhas é clara: se o campeonato não recomeçar, atribui-se que estava quando parou.»

«Não há condições»

Pedro Martins, Presidente do Aboim

«Não há condições para os campeonatos recomeçarem. A maioria dos jogadores e dirigentes continua a trabalhar e iria haver um maior risco de contágio, porque não acredito que mesmo depois de terminar a quarentena não haja restrições. Por outro lado, não temos iluminação suficiente para jogar à noite.



Se os campeonatos não recomeçarem as classificações deveriam manter-se, até porque seria injusto para o Esporões.»

«VAMOS SEGUIR AS DIRECTRIZES DA FPF»

António Valdemar

O Presidente da Associação de Futebol diz que nesta altura é prematuro estar a dizer se os campeonatos vão recomeçar ou não. No momento, Manuel Machado apenas tem a certeza que a data da final da Taça, que engloba também a festa do futebol distrital, marcada para o dia 10 Junho, vai ser alterada, bem como a Taça dos Campeões do Minho.

«Tudo vai depender da duração desta Pandemia. Por isso, mais vale aguardar para não estarmos a marcar jogos e depois ter que os desmarcar novamente», disse, acrescentando que tem estado em contacto com todos os clubes para tentar saber se existe algum caso grave. «Estamos próximos dos clubes para que nos reportem se têm algum atleta ou dirigentes infectado. Acima de tudo está a vida de todos nós. Temos de jogar à defesa», disse.

Manuel Machado elogiou o comportamento de todos os clubes filiados na AF Braga. «Os clubes estão a reagir bem e não é apenas na questão dos jogos mas também nos treinos. Os atletas têm que manter a sua preparação física mas terão que o fazer sozinhos, em espaços que não permitam aglomeração. Temos que olhar uns pelos outros, não só no aspecto desportivo mas também na saúde pública, que neste momento é o mais importante», salientou Manuel Machado, lembrando que a AF Braga foi a primeira do país a suspender jogos.

«Estamos numa zona muito próxima de onde o vírus se começou a propagar, entre Felgueiras e Lousada, e como temos grande interacção com esses concelhos decidimos adiar logo as competições para não contribuímos para a sua maior propagação. Fomos os primeiros a fazê-lo e recebemos

Final da Taça adiada e campeonatos são uma incógnita



Pevidém conquistou na época passada a Taça da AF Braga

até algumas críticas por isso. Era bem melhor que estivéssemos enganados mas não estávamos e agora está tudo parado», frisou Manuel Machado

«Este é o maior jogo das nossas vidas»

O Presidente da AF Braga revelou que a Associação que a preside seguirá as direc-

trizes da Federação Portuguesa de Futebol, caso os campeonatos não recomecem.

«O nosso desejo é que terminem por causa da verdade desportiva. Caso não aconteça vai ser um conflito difícil de gerir. Nesta altura, todos os cenários são possíveis, mas não podemos fazer previsões. Todos temos de colaborar e compreender que estamos

numa situação excepcional. Não temos apenas o futebol sénior mas também os escalões de formação. Temos de gerir perto 500 jogos semanais», referiu, acrescentando que «o importante é vencer esta luta». «Faço um apelo: que sigam os conselhos da DGS e fiquem em casa. Este é o maior jogo das nossas vidas», rematou.

«A FPF é que deve tomar uma decisão»

Miguel Gomes, Presidente do GD Prado

«Acho que não existem condições para o campeonato recomeçar. Acho que deveria ser a Federação Portuguesa de Futebol a tomar a decisão, até para protecção das próprias associações, pois tomem a decisão que tomarem nunca vai ser consensual. Mas o mais importante é primeiro livrar-nos deste vírus, o resto haverá sempre solução.»



«Não há condições para recomeçar»

João Abel, Presidente do Caldela

«Não há condições para os campeonatos recomeçarem. Ninguém sabe quando isto vai terminar e nós somos amadores, não



somos profissionais, por isso, temos mais dificuldades. Por outro lado, a grande maioria dos clubes não tem condições para jogar à noite. Na nossa série é mais complicado porque tanto o Caldela como o Pousa têm um jogo a mais. Por isso, os clubes deviam ficar com a classificação com que terminaram a primeira volta.»

«A classificação fica como está»

Carlos Costa, Vice-Presidente do Cabanelas

«Penso que não existem condições para os campeonatos recomeçarem. Como é que os clubes vão realizar jogos ao meio da semana sem condições e ainda por cima o nosso campeonato este ano termina muito mais tarde? Na minha opinião a classificação ficava com está.»



VILAVERDE AC

Vila Verde AC completa três anos no dia 30 de Abril

«Se não houver pessoas apaixonadas a modalidade dificilmente vingará»

António Valdemar

O Vila Verde Atlético Clube celebra no dia 30 de Abril três anos de existência. Luís Pereira, Presidente da colectividade vilaverdense, lembra que o clube quando nasceu não tinha como foco o voleibol, mas sim o andebol e a ginástica artística. «Quería sair um pouco do futebol e dar a Vila Verde um projecto um pouco parecido com o da Escola Desportiva de Viana do Castelo (EDV), onde tirei o curso e que sempre foi um exemplo e referência para mim. Na altura, em conjunto com a Associação de Pais, avançamos com o andebol e a ginástica artística. Mas foram projectos que não foram para a frente por falta de espaços físicos e também de paixão», contou, acrescentando que a modalidade de voleibol acabou por surgir «por acaso» numa conversa com o amigo e agora treinador do clube. Nuno Vieira.



«Ele tinha terminado o seu percurso desportivo como atleta e queria fazer algo nesta modalidade. Acabámos por ter a sorte de encontrar estas pessoas apaixonadas pelo voleibol, porque devido à minha profissão (estou a dar aulas no Algarve), não posso estar presente todos os dias no clube», disse. Nestes três anos de actividade o clube tem crescido no número de atletas e equipas. Nesta altura, tem perto de 60 jogadoras distribuídas pela equipa sénior, juvenil e iniciadas. «O primeiro ano serviu para dar a conhecer a modalidade que no nosso Concelho não tem muita tradição. Felizmente, sentimos que as pessoas estão a aproximar-se e no dia dos jogos temos cada vez mais público a apoiar as nossas equipas», frisou.

Lançar sementes

Os responsáveis do Vila Verde AC querem começar a lançar as sementes para que o futuro seja mais risonho e também terem mais atletas oriundas do Concelho de Vila Verde. Para isso, estão a trabalhar a partir da base. «Temos um grupo de atletas minis que estão a trabalhar connosco às quartas-feiras na Escola Preparatória de Vila Verde e

a porta está aberta para quem se quiser juntar a nós. É um grupo de seis ou sete miúdas que para o ano já são infantis e são todas de Vila Verde».

Luís Pereira congratulou-se ainda com o facto do Vila Verde AC ter ajudado algumas famílias brasileiras a fixarem-se no Concelho. «Temos 10 atletas brasileiras e as suas famílias estão a pensar fixar-se em Vila Verde pelo facto de as filhas jogaram nas nossas equipas. Por outro lado, temos sempre a preocupação de entregar às outras equipas uma lembrança de Vila Verde. Por exemplo, num torneio em Espinho levámos umas lembranças que entregamos às equipas de Espanha, Brasil e de outros países. Isto também é uma forma de promover e divulgar o nosso Concelho», disse.

«Falta oferta em Vila Verde»

Luís Pereira acredita que se forem criadas condições o Concelho de Vila Verde e a própria região do Vale do Homem podem ter mais modalidades. «Temos cerca de 3.000 atletas federados no futebol e as outras modalidades também podem crescer se houver uma oferta desportiva mais próxima. Sei que existem pessoas a levar os filhos a Braga para praticar outras modalidades porque não têm oferta em Vila Verde. Se existir um investimento no espaço físico está a investir-se na saúde e felicidade das pessoas e na visibilidade e divulgação de Vila Verde», frisou.

«Os obreiros são os treinadores»

O Presidente do Vila Verde AC sublinhou ainda que se não fosse a carice das pessoas o projecto já tinha terminado. «Neste momento, como estou mais longe por razões profissionais, estou



Luís Pereira, Presidente do Vila Verde AC

mais dedicado aos apoios financeiros. Por isso, o mérito é todo dos treinadores, eles é que são os obreiros disto tudo. O apoio financeiro que eles têm não é suficiente para as despesas com a

modalidade. Eles estão a fazer um favor e a contribuir para que o nome de Vila Verde seja falado pela positiva. Também não posso esquecer a importância dos pais em todo este processo».



Clube vilaverdense tem três equipas federadas a competir

VILAVERDE AC

«Sem ajuda do Município e das escolas não sobrevivemos»

VVAC com um orçamento de 10 mil euros

«Temos de fazer uma ginástica muito grande e ter uma boa dose de imaginação»

O Vila Verde AC tem um orçamento a rondar os 10 mil euros por época. Luís Pereira diz que é preciso muita imaginação para arranjar essas verbas. «Temos de pagar taxas de arbitragens, seguros, inscrições e as deslocações, que são longas pois nos Concelhos vizinhos apenas Braga e Taipas é que têm voleibol feminino. Temos de fazer uma ginástica muito grande e uma boa dose de imaginação. Claro que sem o apoio do Município de Vila Verde, das Juntas de Vila Verde e Barbudo e Moure, de alguns patrocinadores e dos Agrupamentos de Escolas de Vila Verde, numa primeira fase e agora de Moure e Ribeira do Neiva, não conseguíamos sobreviver», afirmou. Aliás, segundo o presidente do Vila Verde AC, este projecto só tem pernas para andar se estas entidades continuarem a

apoiar o clube. «Dependemos muito da vontade da Câmara e das Escolas. Se fôssemos a fazer contas aos treinos e jogos só o orçamento ia para os pavilhões. Não temos capacidade financeira para pagar o aluguer».

Alargar o leque

«Queremos trabalhar com os Agrupamentos de Prado e do Pico e até existem contactos para fazer demonstrações da modalidade para captar atletas para as nossas equipas e cimentar o projecto em Vila Verde. Agora, só temos pernas para andar com a ajuda destas instituições e também é justo que se diga com a boa vontade das pessoas que estão neste momento no projecto, principalmente os treinadores, pois apenas a sua paixão à modalidade faz com que façam tantos sacrifícios em prol do clube e do voleibol».

Luís Pereira sublinhou ainda que o projecto não tem crescido mais por falta de espaços físicos.

«É um bom projecto, acredito nele, tem boas raízes. Não consegue evoluir mais por falta de espaços físicos e também de material, isto apesar de termos investido cada vez mais.

Nestes três anos temos mostrado servi-

ço e com um bom comportamento desportivo, principalmente da nossa equipa sénior que tem conseguido apurar-se sempre para a fase dos campeões, e de saber estar e relacionar. Neste momento temos algumas atletas do SC Braga a jogar aqui, porque viram neste projecto uma forma de poderem evoluir na sua

carreira e quem sabe mais tarde regressar novamente ao Braga. Estamos a fazer um bom trabalho e queremos crescer. Quem sabe se daqui a uns anos não estamos a festejar uma subida de divisão ou a chamada de uma atleta à Selecção Nacional».



Nuno Vieira é um dos treinadores do Vila Verde AC

PUBLICIDADE

Vila Verde Incentiva+

APOIO AO INVESTIMENTO
E EMPREENDEDORISMO



Vila Verde
Município

CANOAGEM - JOSÉ SOUSA

Um pradense a comandar a canoagem colombiana

José Sousa fala da sua nova experiência na Colômbia



José Sousa chegou à Colômbia em 2018 mas só este ano é que assumiu o cargo de Seleccionador Nacional

António Valdemar

José Sousa chegou à Colômbia em 2018 para treinar a Selecção Nacional, mas apenas no dia 24 de Março de 2020 é que assumiu as funções de seleccionador nacional. Durante estes dois anos esteve a treinar a Liga de Canoagem de Bogotá.

«Quando vim para cá foi sempre no intuito de ser Seleccionador Nacional. No entanto, a Selecção Nacional praticamente não existia devido a problemas de financiamento. Não havia equipa nacional de canoagem, nem figura de seleccionador. Então, tive que trabalhar para a Liga de Canoagem de Bogotá (existem 10 Ligas) que é o equivalente a uma associação em Portugal. Com as eleições, que se realizaram em Março de 2019, as coisas começaram-se a encaminhar, pensava eu, mas tive que esperar mais um ano para isto se concretizar. Os processos aqui demoram muito tempo, devido à enorme burocracia existente neste país. Penso que a partir de agora a equipa nacional irá funcionar na sua plenitude», contou José Sousa, apontando os principais objectivos da selecção colombiana.

«São precisos papéis para tudo»

A burocracia e desconfiança nas pessoas

José Sousa diz que as maiores dificuldades que encontrou foi a burocracia, a desconfiança das pessoas e não a violência. «Temos sempre que ter alguns cuidados, como por exemplo não exibir muitas vezes o telemóvel na rua. Depende um pouco dos locais. Aqui onde vivo é muito tranquilo. Mas o pior é mesmo a burocracia. Para tudo é sempre necessário uma série quase infinita de papéis. Pedem-nos para tudo. Por exemplo, para um contrato de

trabalho o preenchimento de papéis parece que nunca mais acaba e depois para trabalhar temos que esperar uma série de dias porque esses papéis do contrato têm que passar por 50 pessoas, passe o exagero. A isto chama-se lentidão de processos e alguma passividade das pessoas. Por outro lado, estou em crer que há uma enorme desconfiança entre as pessoas», frisou o treinador, que vai ficar na Colômbia até ao Ciclo Olímpico Paris 2020/24.

«Mudar mentalidades»

«A prioridade neste momento é tentar mudar a mentalidade e atitude destes atletas perante o treino. Depois com tempo, preparar o próximo Ciclo Olímpico. Em Curitiba (Brasil), vão-se realizar nos dias 07 a 10 de Maio os Campeonatos Pan-americanos, que também são Selectiva Olímpica para o continente Americano, mas o que é facto é que as possibilidades de apuramento são muito remotas. Contudo, vamos tentar tudo o que esteja ao nosso alcance para conseguir esse apuramen-

to, o que seria um feito inédito», frisou.

Apesar destes contratemplos, José Sousa, ou Chalana como é conhecido, diz que a experiência tem sido positiva. «Até ao momento posso dizer que é muito positivo. Ao nível comportamental, de treino e competitivo já há alguns avanços. Ainda podemos melhorar, mas este processo quando é uma novidade para eles tende a demorar mais algum tempo. São atletas que com tempo podem crescer bastante. Isto, como disse anteriormente, se se adaptarem bem a um novo processo

de treino», disse, acrescentando. «Aqui a canoagem tem pouca projecção, o número de praticantes é muito reduzido. Um País com cerca de 40 milhões de habitantes tem pouco mais de 200 praticantes. Isto só revela que há muito trabalho pela frente», anotou.

As razões para ter emigrado

José Sousa confidenciou que já não tinha condições para continuar a trabalhar em Portugal. «De Agosto de 2017 até Junho de 2018 vivi talvez o período mais difícil da minha carreira como treinador. Já não havia condições para eu continuar a trabalhar em Portugal ao mais alto nível. Tinha que sair para dar continuidade ao meu trabalho e surgiu a oportunidade», contou o treinador, que sentiu algumas dificuldades de adaptação. «Normalmente quando se emigra, do outro lado há sempre um familiar ou um amigo. Comigo isso não aconteceu, vim para um País totalmente desconhecido e sem qualquer pessoa que me fosse íntima ou no mínimo conhecida. Por isso, no início foi muito difícil, estive para voltar para Portugal uma série de vezes, mas depois as coisas foram-se compondo. Estes Países da América Latina não são fáceis, não têm nada que se compare com Portugal e a Europa», disse.



Presente em vários Jogos Olímpicos

Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo

José Sousa é Licenciado em Fiscalidade pelo IPCA e fez o mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. O técnico integrou na Federação Portuguesa

de Canoagem as equipas técnicas responsáveis pelos projectos olímpicos de 2004, 2008, 2012, 2016 e 2020, este interrompido em 2018. Em 2015 José Sousa e Hélio Lucas foram distinguidos pela FPC e pela

Confederação do Desporto de Portugal como treinadores do ano. Foi treinador pessoal de Emanuel Silva de 1997 até 2017. Enquanto atleta conquistou vários títulos nacionais e internacionais.

DRIFT - DIOGO CORREIA

DIOGO CORREIA PREPARADO PARA ATACAR O TRI-CAMPEONATO

António Valdemar

Diogo Correia está a preparar com todo o cuidado a sua terceira participação no Campeonato Nacional de Drift. O piloto natural de Vila Verde vai apresentar uma “máquina” totalmente remodelada com o foco de chegar ao primeiro lugar do pódio pelo terceiro ano consecutivo. «Estou a remodelar o carro todo, desde a direcção, caixa de velocidade, à mecânica, para estar preparado para tentar renovar o título e chegar ao tri-campeonato», disse Diogo Correia ao Desportivo, no dia da apresentação do Campeonato Nacional, que decorreu no dia 7 de Março, em Melgaço.

No entanto, o piloto sublinha que as dificuldades este ano vão aumentar devido à forte concorrência de outros pilotos que estão de regresso ao Drift. «O objectivo é ser novamente campeão, mas não posso garantir o título, pois sei que as dificuldades vão aumentar com a entrada de novos pilotos, como é o caso do Nelson Rocha, que vai ser um adversário muito forte. Mas ainda bem que é assim. O que posso prometer é lutar pelo pódio na classe Pró», disse, acrescentando que o facto de ostentar o título eleva a responsabilidade. «É lógico que temos sempre mais pressão. As pessoas exigem mais de nós, mas estou aqui pela paixão e mesmo que não consiga ganhar vou lutar até ao fim», disse Diogo Correia, elogiando ainda a forma com o Clube Automóvel do Minho, em conjunto com a Federação Portuguesa de Automóvel e Karting (FPAK), tem projectado a modalidade. «De ano para ano nota-se que têm existido melhorias e penso que esta época ainda pode melhorar muito. Pelo menos as expectativas são essas, vamos ver como corre».



Piloto vilaverdense vai apresentar uma nova “máquina” no Nacional de Drift

A adrenalina de Lousada

A primeira prova do Nacional de Drift está marcada para o fim-de-semana de 25/26 de Abril, mas muito provavelmente deverá ser adiada para outra data devido à pandemia do Covid-19.

Este ano, o Clube Automóvel do Minho (CAM), promotor da prova, decidiu levar o campeonato desde o Alto Minho até ao Algarve com a realização de seis provas entre os meses de Abril e Outubro. O campeonato vai passar por Olhão,

Lousada, Melgaço, Pinhel, Montalegre e Leiria. E dentro destes seis circuitos Diogo diz que «Lousada é sempre Lousada». «Desde pequeno que vou lá e é a pista que mais adrenalina me dá», revelou.

A bandeira vilaverdense nos automóveis

Diogo quer triunfar nas provas internacionais



A paixão de Diogo Correia pelo Drift nasceu muito cedo. Aos sete anos o pai ensinou-o a conduzir e aos 12 o irmão inscreveu-o na primeira prova de Drift. No entanto, devido a uma doença do progenitor teve de parar a competição oficial por uns anos, mas regressou ainda com mais vontade de mostrar todo o seu valor. «Desde pequeno que o Drift é a minha paixão, a minha vida», confidenciou o piloto, que trabalha com uma equipa de 10 pessoas. «Sem a contribuição deles tudo isto não era possível», venceu Diogo, que viveu no ano passado uma experiência única ao representar Portugal na disciplina de drifting, nos FIA Motorsport Games, em Itália, onde chegou aos quartos-de-final.

«Foi uma experiência única. Consegui levar a nossa bandeira ao topo. Tive uma avaria mecânica que não me permitiu ir mais longe. Estou contente pois os emigrantes portugueses apoiaram-me muito. Este ano, com um carro ainda mais potente, quero lutar pelos títulos em Portugal, mas também nas provas internacionais», disse. No entanto, para isso Diogo precisa de apoios. «Trabalho com carros de corrida e mecânica e consigo dedicar-me ao Drift, porque tenho a ajuda dos meus familiares. Para cada prova são precisos pelo menos 5.000 euros. Claro que não gasto todo esse dinheiro, porque tenho uma grande ajuda da minha equipa», frisou.

Datas das Provas



25/26 Abril: Circuito de Olhão
06/07 Junho: Circuito de Lousada
25/26 Junho: Circuito de Melgaço
22/23 Agosto: Circuito de Pinhel
19/20 Setembro: Circuito de Montalegre
17/18 Outubro: Circuito de Leiria

FUTEBOL FEMININO

António Valdemar

O percurso de Francisca Silva tem sido feito de forma gradual e sustentada. A carreira futebolística iniciou-se no FC Amares com apenas sete anos onde experienciou jogar com equipas mistas que lhe permitiram ganhar outras defesas para enfrentar as adversidades no futuro. Depois, Kika, como é conhecida no futebol, rumou ao Vila-verdense FC para completar mais uma fase do seu crescimento. Aí cumpriu um dos seus primeiros sonhos com a primeira chamada às selecções mais jovens de Portugal e a conquista do título nacional de juniores. No entanto, ao fim de duas épocas rumou ao SC Braga, para jogar na equipa B e nas juniores. Este ano surgiu a oportunidade de rumar até à capital portuguesa.

«O Sporting foi observando os meus jogos, os meus pais foram contactados e notámos que existia uma grande vontade deles em levarem-me para Alvalade. Isso também foi importante para aceitar o convite», conta Kika, acrescentando que este é o maior desafio da sua ainda curta carreira.

«O projecto que o Sporting está a desenvolver passa muito pela aposta na formação. Tive que adaptar-me rapidamente àquilo que a equipa técnica pretendia e às exigências do clube. Para além disso, também foi um grande desafio a nível pessoal pois tive que sair da minha zona de conforto, de deixar a minha família e os meus amigos em busca de um sonho, que podia ser incerto. Felizmente, graças ao apoio da minha família, dos meus amigos, quer de Lisboa, quer de Braga e também fruto do meu trabalho as coisas têm corrido muito bem», juntou a atleta de 18 anos.



Kika quer chegar à equipa principal do Sporting e jogar na Selecção A

Potencial

Kika diz que a equipa B do Sporting tem um grande potencial. «Temos muitas jogadoras internacionais, que têm uma capacidade de

trabalho incrível. Conseguimos apurar-nos para a fase seguinte em todas as competições em que estamos inseridas. A nível individual também tenho realizado grande

parte dos jogos, o que me dá mais vontade para continuar a trabalhar», atirou a atleta que tem como foco chegar às equipas principais do Sporting e da Selecção Nacional.

«As responsabilidades aumentaram»

Uma minhota na capital



Kika chegou esta época à equipa do Sporting

Kika diz que a sua vida mudou muito desde que saiu do aconchego familiar para viver sozinha na capital portuguesa. «Tenho mais responsabilidades, como cozinhar, fazer

compras e lavar a roupa. Tenho aulas quase todos os dias da parte da manhã e acordo relativamente cedo porque tenho que ir nos transportes públicos. No final das aulas vol-

to para casa e ao fim do dia vou ao treino. Depois regresso a casa para jantar e descansar.

Nos tempos livres aproveito para estudar, ir ao ginásio, tirar a carta de condução e estar com amigos», contou a jogadora leonina, que este ano entrou na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no Curso de Psicologia.

«Felizmente tenho conseguido conciliar as duas coisas. Estou muito contente por obter bons resultados no futebol e na faculdade. Até ao momento posso dizer que este desafio tem sido um sucesso», finalizou a atleta que devido ao Covid-19 regressou ao aconchego da família mas com um plano de treino.

«A adaptação ao clube foi relativamente fácil pois já conhecia muitas jogadoras das selecções que fazem do meu "núcleo" de amigas. Mas todo o grupo é espectacular e integram-me da melhor forma. A equipa técnica e a Direcção também foram prestáveis para comigo e isso também facilitou a minha adaptação. Sei que qualquer coisa que precise tenho pessoas fantásticas perto de mim para me ajudar», finalizou.

«Uma honra representar o nosso país»

Estar na Selecção Nacional é «fantástico»



Kika acompanhada pelos pais

Kika já é uma habitué nos vários escalões da Selecção Nacional feminina e diz que é sempre bom apreender com as melhores jogadoras. «O facto de podermos partilhar experiências com as melhores jogadoras é sempre bom. Apesar de sermos atletas de clubes diferentes, enquanto estamos a servir o nosso país ninguém olha para a colega como uma adversária, mas sim como uma companheira de equipa. Somos muito unidas e damos-nos bastante bem», venceu a jogadora leonina, que faz uma avaliação positiva da evolução do futebol feminino em Portugal.

«Está a atravessar uma boa fase, isso é bom porque as jogadoras portuguesas têm valor, acho que isso está a ser provado internamente e a nível internacional. Desde o início do meu percurso até agora a modalidade evoluiu bastante», afirmou.

VILAVERDENSE FC - FORMAÇÃO

«Não é fácil explicar aos jogadores que a época não contou»

Iniciados 1 do Vilaverdense lideravam o campeonato só com vitórias



António Valdemar

A Federação Portuguesa de Futebol decidiu cancelar os campeonatos da formação e não atribuir títulos, subidas e descidas de divisão. Uma situação que atira por terra o trabalho, esforço e planeamento de uma época desportiva, como sucedeu com os iniciados 1 do Vilaverdense FC.

A equipa orientada por Pedro Lamego liderava destacada a série A da I Divisão Distrital da AF Braga, com 52 pontos, mais 12 do que Merelinense, segundo classificado. Nos 18 jogos disputados, somou outras tantas vitórias, marcou 83 golos e sofreu apenas seis.

«Dado o estado crítico em que nos encontramos era inevitável que os campeonatos fossem cancelados, mas não estávamos à espera que não contassem para nada. Penso que as classificações deviam ficar como estavam, era o mais justo. Há alguns clubes

«Antes de tomar uma decisão a AF Braga devia ouvir os clubes filiados»

com várias equipas no primeiro lugar e que ficam nitidamente prejudicados com esta situação», atirou Pedro Lamego, acrescentando que a AF Braga antes de tomar uma decisão deveria consultar os clubes.

«A AF Lisboa só vai tomar uma posição depois de ouvir os clubes. Penso que a nossa Associação devia fazer o mesmo e auscultar a opinião dos seus filiados. Depois, sim, tomaria uma decisão. Não entenderem assim e seguiram as directrizes da FPF», lamentou.

O treinador diz que é muito complicado explicar aos jogadores que a época não conta para nada.

«A parte mais difícil para um treinador é dizer aos jogadores que todo o trabalho e

sacrifícios que fizeram até ao mês de Março não contam para nada. Estes miúdos, na época passada, desceram de divisão e este ano voltaram novamente a ter alegria em jogar futebol. Eles abdicaram de muita coisa para ter sucesso. Fica na memória o espírito de grupo, a paixão que colocaram em cada treino e a evolução individual de cada um», expressou o treinador, que espera ver alguns deles chegarem aos campeonatos nacionais.

«Tentei explicar-lhes que não perderam tudo, pois alguns clubes dos Nacionais andavam a observá-los. Se alguns conseguiram chegar lá é uma grande vitória. Os outros, se ficarem no Vilaverdense, também ficam num grande clube», vincou.

«Sucesso esteve na planificação»

Pedro Lamego valoriza a relação humana



Pedro Lamego diz que o sucesso desportivo e o desenvolvimento individual dos atletas é fruto de uma «boa planificação». «A avaliação que faço da época é extremamente positiva. Além dos resultados obtidos, temos conseguido (eu e o Carlos) valorizar o plantel. O segredo é uma boa planificação dos treinos, um modelo bem definido a cada momento do jogo e criatividade no processo de treino. A relação humana deve estar sempre em primeiro lugar, quer nas convocatórias, em que explicamos de forma específica as escolhas, quer na rotatividade da equipa. Em 20 jogadores ninguém tem menos de 300 minutos de jogo», explicou, acrescentando: «Isto é a consequência de os jogadores gostarem do treino, saberem a dimensão do

clube e o que ele representa no Distrito». «Desde cedo encararam como uma missão subir o clube de divisão, o que acabou por não acontecer», lamentou o técnico, que elogiou o departamento de formação do Vilaverdense. «Nós, treinadores, temos de ser facilitadores no processo de formação, ou seja, adaptarmo-nos aos contextos por onde passámos. Se tivermos esta mentalidade os obstáculos são contornáveis, pois todos sabemos das dificuldades por que os clubes de futebol passam. O Vilaverdense trabalha bem nos escalões de base, tem bons treinadores e um processo formativo bem consolidado. Tenho de salientar também o apoio logístico que os pais deram à equipa. Eles são parte integrante do projecto», rematou.

Quem é Pedro Lamego?

«É professor de Actividades Extra Curricular, na área do Desporto e Expressão Plástica, formado em Gestão de Actividades Turísticas e um treinador que tem a paixão pelo treino e principalmente pelo jogo. Desde os cinco anos que simulava jogos com os bonecos que vinham por cima do bolo de aniversário. Vivo futebol 24 horas por dia. É a minha grande paixão. Iniciei a minha carreira na Academia Bragafut e depois passei pelo Ferreirense, Celeirós, SL Benfica e SC Braga. Estou há dois anos no Vilaverdense FC, sou coordenador da Academia Vimieiro e observador do Benfica. Gosto de ser autodidacta, desenvolver o meu modelo e aperfeiçoá-lo.»

ÉTICA NO DESPORTO

A Ética em Tempos de CoronaVírus

A emergência do Covid-19 está a testar severamente a humanidade. Deparamo-nos diante de uma epidemia inesperada e em rápida expansão. Os nossos hábitos estão a mudar em virtude de um apelo à responsabilidade que vai limitando muitas de nossas actividades diárias e relacionamentos. O desporto rei parou, sonhos de crianças e jovens estão assim interrompidos, desconhecendo-se até quando.

«Vamos chamar as consciências para uma ética de responsabilidade de todos nós»

A ética também é solicitada a oferecer respostas ou a iniciar processos em face desta situação de emergência. A ética no desporto em nada difere da ética na vida, afinal de contas representam a mesma fórmula, que deve potenciar em todos nós um saber ser e um saber estar.

Na vida como no desporto e no desporto como na vida movamo-nos por valores.

O que é a Ética?

A ética é um conjunto de valores que utilizamos para decidir as três grandes questões da via: O que quero fazer? O que posso fazer? O que devo fazer?

Há coisas que eu quero mas não devo!
Há coisas que eu devo mas não posso!
Há coisas que eu posso mas não quero!
Quando é que temos paz de espírito?
Temos paz de espírito quando aquilo que queremos é o que podemos e o que devemos.

Há coisas que eu quero mas não devo,
há coisas que eu devo mas não posso,
há coisas que eu posso mas não quero.
Na definição mais elementar, a Ética

diz-nos como nos devemos comportar para não nos prejudicarmos ou prejudicar os outros. É a ética que nos faz pensar e nos diz se estamos a agir bem ou mal, ou se os outros estão a agir bem ou mal.

A Ética representa a adequação do comportamento humano à vida em sociedade, manifestando-se através de valores norteados pela honestidade, a integridade e o respeito.

Desporto parceiro na luta contra esta pandemia

E de um momento para o outro, num espaço muito curto de tempo, as nossas

vidas estão “do avesso”, os valores sociais e económicos praticados outrora dão agora lugar a outros valores que estavam numa espécie de tesouro escondido.

A “árvore da ética” representa agora a forma como devemos construir o futuro de todos nós quer ao nível do desporto em geral e do futebol em particular, bem como ao nível das relações sociais. A título de exemplo assistimos a uma comunhão de solidariedade com os mais diversos clubes de referência em Portugal a disponibilizarem apoios de mais diversa ordem, numa demonstração de que afinal o jogo não é um caso

de vida ou de morte, mas sim este vírus que é mesmo um caso de vida e de morte e é muito mais aquilo que nos une do que aquilo que nos separa.

O futuro do desporto e da sociedade deve agora partir para uma lógica de solidariedade e compartilhamento de recursos. Vamos chamar as consciências para uma ética de responsabilidade de todos nós. Em tempos de emergência e crise, onde nem mesmo a norma é capaz de cobrir a pluralidade dos casos que a realidade nos apresenta, é necessário desenvolver a capacidade de um discernimento maduro capaz de compreender não o que é útil para si, mas aquilo que constitui “o melhor possível” a ser feito para progredir na caridade e no bem comum.



Embaixador da Ética no Desporto

José Pedro Pereira



INSTITUTO PORTUGUÊS DO DESPORTO E JUVENTUDE, I. P.



RODRIGO DÁ O MOTE

O Rodrigo tem 6 anos e pouco compreende o que se está a passar, Agora impedido de ir aos treinos do seu clube, fazer o que mais ama em tão tenra idade. Ele representa o futuro e a meu pedido meteu mãos à obra e desenhou a árvore da ética. Ele acredita e por isso todos devemos acreditar que depois desta Pandemia o Mundo deve ser diferente. Que comece logo no primeiro jogo da bola de crianças!

É importante que as sociedades no seu todo adquiram cada vez mais consciência colectiva em torno destas questões e da sua importância central. É importante

que se reforce a aposta em áreas formativas neste âmbito, como a educação para a cidadania.

A Ética tem de ser mais, muito mais, do que um discurso! Tem de ser consequente.

«A Ética tem de ser mais, muito mais, do que um discurso!»